



Sa

www.saopaulofc.net

ESTADO DE GRAÇA

LUÍS FABIANO 2004

Pai,
artilheiro,
Libertadores,
seleção...



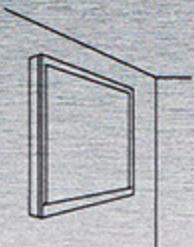
FUTEBOL DE MESA
A história das
mesas-redondas na
televisão brasileira

Nº 122 - R\$5,90
0.0122
9771413691000

MPG REELEITO • CICINHO • ABÍLIO DINIZ • ARMADORES



É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.
SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,
VOCÊ PÕE NA PAREDE.



Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

www.lge.com.br

LG. DIGITAL POR VOCÊ.



Digitally yours

REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo
Affonso Renato Meira

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

EXPEDIENTE

Jornalista Responsável
Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor
Carlos Mesquita

Secretário de redação
Sergio Luci (textos e produção)

Reportagem
Fernando Savaglia

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico), Paulo Planet Buarque e Guaracy Souza Sampaio

Colaboração

Adriana Natali, Ana Paula Andrade, Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Gustavo Duarte (charge), Francisco Santos, Igor Amorim, Juca Pacheco e Felipe Espíndola

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Foto de capa
Mauri Granado

Arte

Celso Andrade, Daniela Salvador, Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor SPFC

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo é uma publicação da Diretoria de Comunicações

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



Índice



04 Índice



06 Imagens

Destaque para a união do time no primeiro jogo do campeonato nacional



08 Entrevista

Uma conversa sobre futebol com Abílio Diniz



12 Telão

O São Paulo Futebol Clube sob os holofotes da mídia



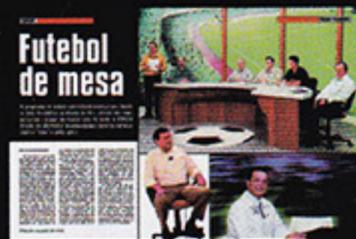
14 História

A saga dos armadores que vestiram a camisa das três cores



18 Perfil

O lado "pescador" de Cicinho



22 Capa

No divã, Luís Fabiano solta o verbo



32 Por onde anda

Alfredo Ramos, um dos mais inesquecíveis laterais-esquerdos do futebol nacional

34 Jogo a jogo

Paulista, Libertadores e Brasileiro

38 Especial

A história das mesas-redondas no País

43 Notícias do Tricolor

Brahma, reeleição, Atenas, aeróbica, Paulo Planet Buarque, Epopéia do Morumbi, China...

Editorial



Diferente, mas sem ser especial!

Quando, neste mesmo espaço, um editor de revista afirma que determinado número é especial, talvez, ao contrário do que imagina, não consiga despertar no leitor - que, na pior das hipóteses, até pode torcer o nariz para o que fora escrito - o menor interesse pela leitura, pois elogiar o próprio trabalho pode soar como simples atitude de "vender o peixe". Mas nós, da Revista Oficial do São Paulo Futebol Clube, apesar de não querermos parecer marqueteiros, temos o prazer de apresentar uma edição com sabor diferenciado. Talvez exista uma espécie de tempero que se espalhe por todos os textos e personagens, aguçando os sentidos e mexendo com a curiosidade. Tudo começa aqui e vai até a última página. Adiante, a entrevista especial enche qualquer são-paulino de orgulho. O homem-forte do Grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, assume que também é apaixonado por seu clube do coração. E garante que não perde jogo do time por nada. Se você é, assim como Diniz, tricolor de corpo e alma, irá curtir - e muito - o Por onde anda com Alfredo Ramos. Aos 79 anos e em forma, ele encontra energia para fazer caminhadas pelo bairro em que mora e curtir os netos. É uma personalidade que faz parte da história do São Paulo, como Zizinho, Gonçalo, Gérson, Pedro Rocha, Pita e Raí, que resolvemos juntar, afora outros gênios, numa matéria e contar a saga dos principais armadores que defenderam o manto são-paulino. Só tem cobra. Já que o assunto é gente boa de bola, conversamos com Cicinho, um dos principais atletas do elenco atual. Ele jura que é imbatível na pescaria. Nós, porém, só conhecemos seu futebol, que já conquistou a torcida Tricolor. Mantendo o nível e as feras, nada mais justo que Luís Fabiano ser nosso protagonista. Numa entrevista informal, o atacante soltou o verbo. Sem censura, falou de todos os assuntos que o nome dele traz à tona. Nada escapou! Outra reportagem que merece atenção é a que trata da história, e das deliciosas histórias, das mesas-redondas brasileiras. Batemos um papo com alguns homens que pegaram o princípio do futebol de mesa por estas terras. Bem, chega de papo. Agora é com você. Boa leitura!

O INÍCIO DE UMA NOVA ETAPA

Dando um exemplo de democracia e transparência, não só ao ambiente do futebol como também ao nosso próprio país, o São Paulo Futebol Clube realizou, no último dia 30 de abril, sua tão esperada eleição. Agradeço a todos os membros do Conselho Deliberativo o fato de terem acreditado em meu trabalho e me reeleito por mais dois anos. Nesse espaço de tempo, daremos continuidade ao que vínhamos fazendo para nunca deixar o nome do Tricolor sair da lista dos maiores e mais adorados do mundo.

À vista, existem várias prioridades. A primeira é tornar o time profissional mais forte do que é para as disputas de que participará. Desde que o montamos, acreditamos no potencial do plantel - que está sendo bem dirigido por Cuca. Precisamos, porém, de outros atletas para somar forças, já que o elenco hoje está reduzido.

Sem sombra de dúvida, essa é uma das principais metas. Mas daremos seqüência a outros planos e obras, como a construção da sede social, a modernização do Estádio do Morumbi e as parcerias no esporte amador, que renderam muitos louros ao clube nos últimos dois anos. Afora isso, nosso departamento de marketing continuará buscando soluções inteligentes e alternativas para conseguirmos mais fontes de receita.

A fim de modernizar a estrutura são-paulina, pretendemos criar cinco vice-presidências nas áreas social, administrativa, de comunicação e marketing, patrimônio e futebol. Com muito alto astral e confiantes, vamos arregaçar as mangas para pôr em prática todas essas idéias. De coração, esperamos que a paz retorne ao Morumbi. Só assim conseguiremos fazer nosso glorioso clube ficar ainda maior a cada novo dia. Saudações tricolores a todos!

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens





GUERREIROS!

Os jogadores após a emocionante estréia do time no Campeonato Brasileiro em 22 de abril. O Tricolor enfrentou o Atlético-PR em casa. O time do sul deu trabalho. E, apesar de Marquinhos e Vélber terem sido expulsos, o São Paulo bateu o Furacão por 1 a 0. O gol da vitória foi feito por Gustavo Nery (no destaque), que, aos 43 minutos do segundo tempo, partiu para cima, ganhou de dois marcadores, soltou a bomba e correu para o abraço!



Negócios à parte

Torcedor fanático do São Paulo, Abílio Diniz, presidente do conselho de administração do Grupo Pão de Açúcar, não perde jogo do time, nem que para isso tenha de desmarcar compromissos profissionais



Por Carlos Bortole/Carlos Mesquita

A faceta mais conhecida de Abílio Diniz, 67 anos, é a de empresário bem-sucedido. Na década de 90, conseguiu reverter a crise em que mergulhara o Grupo Pão de Açúcar. Superou as dificuldades, driblou a conjuntura econômica desfavorável e pôs os negócios na rota do crescimento. Passados os anos, a empresa - que nasceu como uma doçaria na avenida Brigadeiro Luís Antonio, fundada por seu pai, o português Valentim dos Santos Diniz, em

7 de setembro de 1949 - pôde respirar. Por meio de uma política comercial agressiva, tornou-se maior e mais sólida. Surpreendentemente, incorporou concorrentes e construiu uma estrutura de fazer inveja a multinacionais.

O perfil ousado do Grupo Pão de Açúcar foi, sem dúvida, influenciado por seu homem-forte, cujo espírito competitivo talvez fora encontrado no esporte. Abílio Diniz sempre foi um apaixonado por diversas modalidades. Foi goleiro do Clube dos Advogados de São Paulo numa época em que ainda se

usavam joelheiras. Quando os arqueiros começaram a calçar luvas, faltava pouco para ele pendurar as chuteiras. Sua agenda atual de atividades físicas é farta. Por volta de 5h30 da manhã, já está nadando, correndo ou fazendo bicicleta. Na hora do almoço, passa a maior parte do tempo na academia. A qualquer custo, evita reuniões ou conversas de negócios. Sua refeição resume-se a uma salada. No início da noite, encerra a rotina esportiva na quadra de squash. "Quando são 20h, estou em casa. Mas não só faço esporte, não. Jan-

to fora, vou a teatro, a cinema. Sou uma pessoa absolutamente normal."

Abílio Diniz, porém, evita sair às quartas-feiras à noite. Porque seu programa favorito, geralmente, ocorre nesse período: jogo de futebol. Não perde, por nada, partida do São Paulo, time do coração. Esse, sim, é compromisso sagrado. Mas não consegue relaxar. Diverte-se somente assistindo a embates de outras equipes. Apesar de ser torcedor fervoroso, o empresário não se recorda com precisão em que circunstância começou a ser são-paulino. Lembra que

foi cedo, na infância, e provavelmente por influência de algum colega. Há pouco tempo, conheceu as dependências do CCT da Barra Funda, quando foi conversar com o fisioterapeuta Luiz Alberto Rosan - por conta de uma cirurgia no joelho, seu médico lhe indicou o profissional tricolor por considerá-lo um dos melhores do Brasil. E se surpreendeu com o que encontrou por lá.

Na manhã de primeiro de abril (após uma noite em que a seleção brasileira amargou um empate sem gols com o Paraguai, em partida válida pelas eliminatórias da Copa de 2006), Diniz deixou de lado os assuntos de negócio para bater um papo com a **Revista Oficial do São Paulo Futebol Clube**. Falou sobre diversos temas, como sua paixão pelo Tricolor, seus projetos sociais, o livro que escreveu, cuja renda será destinada a suas obras assistenciais; e de sua estreita relação com o esporte.

O senhor esteve recentemente no CCT da Barra Funda. Gostou?

Fui duas vezes. Fiquei impressionado com o CT e a maneira como o São Paulo está estruturado para oferecer um trabalho adequado a seus atletas, tanto na parte física quanto na de palestras. Há um pequeno auditório em que os jogadores podem ver teipes de jogos de adversários, por exemplo. O conjunto é muito legal, o Reffis. Tudo é bem tratado e cuidado.

De onde veio toda essa paixão pelo São Paulo?

Sou são-paulino desde sempre. Meus pais nunca ligaram para futebol. Imagino que fui influenciado por algum garoto na minha infância. Não sei exatamente como nem quando essa paixão começou. Mas foi muito cedo, a ponto de nem me lembrar.

O senhor vai a estádio?

Nunca fui de ir a estádio. Depois do crescimento da televisão, com o sistema pay-per-view, me habituei a ver futebol em casa. Quando vejo no campo, sinto um certo desconforto. Mas havia um televisor na tribuna do São Paulo que possibilitava virar para trás e assistir ao replay.

O senhor é do tipo que não

perde jogo do São Paulo por nada?

Chego a desmarcar reuniões importantes, às vezes até fora do País, para dar tempo de ver. O programa que mais curto hoje é assistir a jogo futebol. Se posso, vejo sem me importar com o time. É uma coisa que me relaxa. Consigo tirar todos os problemas da cabeça. Isso, porém, quando não é do São Paulo. Não dá para ficar tranquilo vendo o Tricolor em campo. Fico tenso. Nervoso. Sou um apaixonado por futebol e pelo São Paulo. Quando enfrentamos pela primeira vez a LDU, lá no Equador (*em partida válida pela Libertadores*), eu estava nos EUA. Infelizmen-

te, não pude acompanhar. Como não podia me conectar à internet, ligava para meu filho a cada 10 ou 15 minutos para saber o que estava acontecendo. Pedi que gravasse. Depois, vi o teipe. Perdemos por 3 a 0. Mas fiquei confortado, pois o time deles não era tudo aquilo que a gente imaginava.

O senhor foi goleiro?

Sempre adorei futebol. Joguei na rua e na várzea durante muito tempo. Fui goleiro a minha vida inteira. Pratiquei futebol durante 30 anos. E, por dez, fui arqueiro do Clube dos Advogados.

Era um bom goleiro?

É difícil falar de si próprio...

É fácil saber: o time reclamava?

“Quando fazíamos a apresentação do Superbola, pedíamos aos garotos que viessem conosco. Porque teriam a chance de se tornar um Cafu ou um Abílio Diniz”



Acho que o goleiro reclamava mais do time do que o time do goleiro (*risos*). É importante que a equipe tenha um grande camisa um. Ele pode transmitir confiança aos companheiros. Está sempre de frente para as jogadas, podendo orientar, cantar o jogo, principalmente para a defesa. Se for um líder, e isso, sem falsa modéstia, sempre fui, pode passar uma voz forte dali detrás. Mas é claro que, sozinho, não faz nada. Precisa de uma boa zaga e estar entrosado com ela. Os jogadores devem obedecer aos comandos dele. Dizem que goleiro é um coitado. Que não nasce grama onde pisa. Joguei muito em campo de terra. Usava joelheira, mas não utilizava luvas. Deixei-a de lado e comecei a calçar luvas quando estava me preparando para parar. Já estava me machucando demais. O pessoal pegava forte de muito perto. Encerrei minhas atividades no futebol-soçaite.

O senhor deixou de jogar futebol, mas continuou ligado ao esporte. Certo?

Sim. É minha vida. Não só continuo ligado, como pratico esportes três vezes por dia. Não sou louco, não. Gosto mesmo de fazer isso. Quando acordo, corro, nado ou faço bicicleta. Alterno, principalmente, entre natação e corrida. No momento, faz 15 dias que operei o joelho. Portanto, ainda não posso correr. Estou apenas nadando e fazendo bicicleta. Na hora do almoço, na academia do Pão de Açúcar, faço a base, que é fortalecimento muscular e alongamento. À noite, jogo meu squash.

Quantas horas o senhor leva praticando tudo isso?

Não toma muito tempo. De manhã, são 45 minutos. Levantar mais cedo não é nenhum sacrifício para mim. Na hora do almoço, não faço reunião de negócios com ninguém. Se a pessoa quer discutir comigo sobre isso, vem aqui. Ou vou aonde ela quiser. Como minha refeição é só uma salada, tenho tempo para ir à academia do próprio Pão de Açúcar. Não me prejudica em nada. À noite, sempre saio daqui entre 18h30 e 19h. Atravesso a rua e jogo squash. Como a partida é rápida, às 20h já estou em casa pronto para jantar, sair e viver normalmente. Não só faço esporte, não. Janto fora, vou

a teatro, a cinema. Sou uma pessoa absolutamente normal. Mas é evidente que não faço isso às quartas-feiras, principalmente quando acontece jogo do São Paulo.

Sua proximidade com os funcionários, pois o senhor faz academia com eles, ajuda de alguma maneira?

Tenho bastante contato com eles, quer seja no esporte ou visitando as unidades do Pão de Açúcar pessoalmente. De 15 em 15 dias, recebo grupos. Na realidade, chamamos de chão de loja. Trata-se do programa Fale com Abílio, realizado no nosso auditório. Durante pouco mais de uma hora, temos uma conversa informal. Eles têm a liberdade de se posicionarem. Nesse espaço de tempo, também vendo meu peixe. Falo de esporte, alimentação e cuidados.

O senhor põe em prática as sugestões que ouve dos funcionários, como, por exemplo, financiar a casa própria?

A idéia da casa própria saiu de um grande Fale com o Abílio. Uma vez por ano, fazemos uma reunião, normalmente, com mais de três mil pessoas. Nela, também há uma parte dedicada ao Fale com o Abílio. Essa reivindicação surgiu aí. A princípio, achamos que era um sonho. Mas fomos à luta. No final do ano passado, começo deste aqui, saiu o primeiro módulo de 300 casas em Itapevi, no interior de São Paulo. Vamos partir para outros. Já temos os terrenos.

O Grupo Pão de açúcar teve uma equipe de vôlei na década de 80 e, ainda hoje, desenvolve um trabalho muito forte no atletismo. Isso é influência sua?

A empresa tem muitas coisas no DNA dela que foram transferidas do meu e do DNA de meus filhos. O João Paulo é um tremendo esportista. A Ana também pratica muito. Mas cito mais o João porque ele é um triatleta. Disputou, inclusive, várias edições do Iron Man. O Pedro é ex-piloto de Fórmula-1. Durante dez anos, correu na Europa. Ou seja, somos gente do esporte. Nada mais natural que o Grupo Pão de Açúcar ter essa cultura.

Como a empresa incentiva

os funcionários que gostam de esporte?

Aqui, brigamos por qualidade de vida. O funcionário tem de trabalhar legal e se esforçar pela companhia. Não desejamos, entretanto, sacrifício. Apenas garra. Queremos que ele lute para ser feliz. Que busque isso no trabalho, com a família, no lazer, no conjunto que constitui a harmonia da vida. Ao defendermos esse conceito, temos de passar algumas facilidades para que todos tenham a possibilidade de seguir essa linha. Damos orientação de alimentação. Temos nutricionistas trabalhando dentro da empresa.

conhecer a Disneylândia?

É claro. Levávamos para Nova York porque era um incentivo a mais. Por que não a de São Paulo? A daqui está ao alcance de qualquer um. Basta se inscrever, ir e fazer. É preciso haver um prêmio adicional. Por isso, a companhia passou a levar para Nova York. Agora, vamos à da Disney, justamente, porque a pessoa passeia e conhece. Afora isso, ela é dividida entre a completa e a meia maratona. Temos vários atletas que ainda não estão aptos a disputar uma prova inteira. Esse pessoal faz a meia. O que é mais legal é que

“Há muita gente falando que o São Paulo deu o Kaká de presente ao Milan. Mas todo mundo esquece que ele tinha um contrato que venceria num prazo curto. O Tricolor não podia se arriscar a ficar sem nada pelo jogador”

Não para preparar comida, mas para ensinar conceitos. O que se deve comer ou não. Temos até o PA Clube, que é voltado, exclusivamente, para corrida. Lá, existem vários grupos de diferentes níveis. Há caminhanças, iniciantes, pessoas que estão num estágio mais avançado e atletas de ponta. Às vezes, são funcionários que se transformaram em atletas e que conseguem performances sensacionais. Temos gente aqui que corre maratona entre duas horas e meia e três. Isso é um tempo fantástico. Todos os anos, levamos 100 pessoas para os EUA. Antes, eles disputavam a maratona de Nova York. Agora, correm na da Disney. Além deles, existem os atletas que patrocinamos. São corredores e triatletas. Essa é uma forma que encontramos de incentivar essa gente que compete em nome do Brasil. Temos até corredores de ponta que vão para a Olimpíada. Há também o ciclismo. Estamos muito fortes.

O pessoal aproveita para

a Disney celebra as duas da mesma forma.

O projeto Superbola se encaixa nessa filosofia?

Sim. A filosofia é a mesma. Estamos trabalhando com garotos carentes. No início, organizamos a Supercopa Compre Bem. Foram mais de 70 mil inscritos, dos quais selecionamos 72. O trabalho feito durante as peneiras foi didático. Mostramos o que estávamos fazendo e aonde poderiam chegar. Praticamente, a metade deles está alojada no nosso CT, que foi construído com muita simplicidade. Damos, não só a eles como a todos os outros que não dormem lá, cinco refeições por dia, que é como deve ser - além do café da manhã, do almoço e do jantar, temos de fazer dois lanches intermediários. A alimentação é correta. Ensinamos aos que moram no local o que fazer, como, por exemplo, arrumar quartos e cuidar do CT. E não há ninguém que não esteja estudando. Matriculamos em escolas próximas. É exigência. Eles jogam

futebol, aprendem bons hábitos, recebem ensinamentos, ouvem palestras, estudam e convivem num ambiente realmente saudável. Há dias específicos em que as famílias são convidadas. Elas podem assistir aos meninos treinando. É organizado. Gostaria de fazer isso não só com os 72. Queria fazer com os mais de 70 mil que foram lá. Aos poucos, iremos aumentando. Esse é o primeiro módulo. O segundo, provavelmente, implantaremos no Rio de Janeiro. Temos um complexo que pode ser recuperado, pertencente ao Grupo Sendas, que é nosso associado lá. Devemos começar esse segundo pólo ainda este ano.

Esse projeto é uma forma de inclusão social?

Sem dúvida. Desde o começo, o ícone do projeto, juntamente comigo, é o Cafu. Quando fazíamos a apresentação do Superbola, pedíamos aos garotos que viessem conosco. Porque teriam a chance de se tornar um Cafu ou um Abílio Diniz. Setenta e dois deles partiram para a bola. Mas outros 200 foram para o Instituto Pão de Açúcar a fim de aprenderem a trabalhar no varejo, no mercado. E é claro que isso é uma forma de inclusão social. Quanto aos que foram jogar, podemos dizer que estamos desenvolvendo essa molecada na bola. Não ensinamos nada a eles, porque vieram sabendo. Conosco, estão apenas evoluindo. Temos a esperança de produzir craques. De fazer esses meninos crescerem.

Qual é a relação entre o projeto Superbola e o São Futebol Clube?

Não há nenhum vínculo contratual. Quando estávamos no princípio, o José Carlos Brunoro e o Fernando Solleiro, responsáveis pelo projeto, visitaram times de futebol e escolinhas. Foram à Toca da Raposa, a Xerém, que é onde o Fluminense tem seu CT, no RJ; a Santa Catarina. Mas ficaram impressionados com o trabalho que o São Paulo estava, e está, fazendo em Barueri. Naquela época, tiveram contato com dirigentes do Tricolor, inclusive com Marcelo Portugal Gouvêa. E fecharam um acordo. Em determinado momento, quando nossos atle-

tas estiverem precisando pegar mais experiência, farão intercâmbio com o clube. Inicialmente, queremos que possam jogar com as equipes do Tricolor. Depois, gostaríamos de pôr alguns deles, os mais talentosos, no próprio São Paulo para trabalharem lá, o que não quer dizer que não possamos vir a fazer isso com outros clubes daqui. A nossa preferência, porém, é pelo Tricolor. Não apenas por eu ser são-paulino, mas também pelo fato de eu já ter iniciado esse trabalho com a diretoria do clube.

Muitas vezes, um jogador conhece o fundo do poço e volta bem. Como o senhor poderia ligar isso à história do grupo Pão de Açúcar, que, notadamente, passou por algumas dificuldades no início da década de 90 e conseguiu reverter o quadro?

Passamos por enormes dificuldades no ano de 90. A companhia realmente esteve a perigo por problemas de gestão e acionistas. Mas conseguimos superar aquelas dificuldades com esforço, trabalho e determinação. Isso nos deu força para que passássemos a ser um grupo mais forte, maior e mais estruturado do que antes. Se um atleta é bem orientado, quando passa por algum problema, trauma ou contusão, pode ressurgir mais forte do que era. Vejo, como exemplo disso, a operação de joelho pela qual Souza passou. Ele teve uma recuperação extraordinária em tempo rápido. Isso se deveu ao excelente trabalho - isso vi e constatei pessoalmente - que o São Paulo fez e ao Rosan.

As frases "Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez", do dramaturgo francês Jean Cocteau (estampada na sede da empresa, em São Paulo); e "Nossa gente - realmente - faz a diferença" (escrita nos crachás dos funcionários do Pão de Açúcar) atingem os objetivos delas?

Atingem, sim. A primeira está afixada nas paredes, na sala um, no auditório. Ela é uma frase emblemática da gente. As pessoas acabam colando isso dentro delas, acreditando que é assim. Até porque não acredito que consigamos nada sem esforço,

sem dedicação, sem ir buscar. As coisas, normalmente, não caem na nossa mão. Temos de ir à luta e conseguir. Somos o que somos porque somos agressivos em nossas atitudes no que diz respeito à concorrência, à competição, à busca de nossos objetivos. E gostamos de ser assim. Somos lutadores, mas românticos também. Olhamos sempre para a nossa qualidade de vida, que é fundamental.

De seu lado mais tranquilo está saindo um livro?

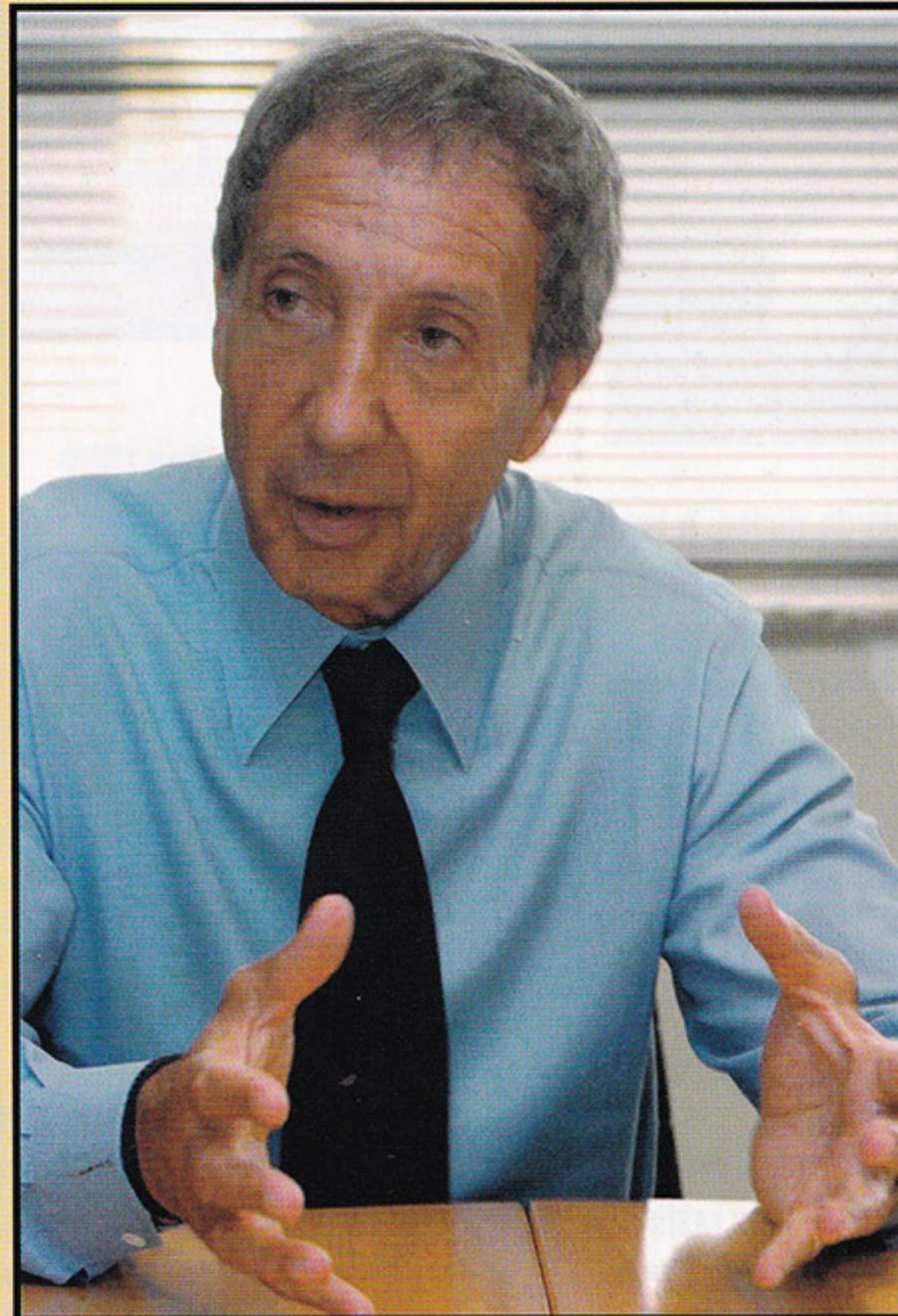
Deve sair em maio. Não é um livro sobre qualidade de vida, como muita gente fala. É a respeito de minhas experiências

e das transformações pelas quais passei na vida. Decidi dividir isso com mais gente. Compre o livro e leiam. Tudo que arrecadar com a venda será destinado às minhas obras sociais. Por isso, não dou de presente, não *(risos)*.

Qual é a sua seleção tricolor de todos os tempos?

Não faço. Não quero cometer injustiças. Mas há alguns que são muito recentes. Aprecio os goleiros. Gostava muito, por exemplo, do Poy e do Zetti. Sou fã do Rogério Ceni. As pessoas dizem que ele falha, mas quem não comete erros não é humano. Não me canso de ver o Kaká

"Somos agressivos em nossas atitudes no que diz respeito à concorrência, à competição, à busca de nossos objetivos. E gostamos de ser assim"



jogar. Há muita gente falando que o São Paulo o deu de presente ao Milan. Mas todo mundo esquece que ele tinha um contrato que venceria num prazo curto. O Tricolor não podia se arriscar a ficar sem nada pelo atleta, que viveu uma má fase aqui. Hoje, ele está feliz na Europa. É um menino sensacional. Tive a felicidade de conhecê-lo. É um dos jogadores brasileiros que mais vão brilhar nos próximos anos.

O senhor está satisfeito com o time do São Paulo?

Estou satisfeito com o que o Tricolor fez neste início de temporada. Como torcedor, observo que o São Paulo olhou para suas carências e dificuldades. Às vezes, as coisas dão resultado a curto prazo. Às vezes, não acontecem assim. Por acaso, se eu fosse responsável por esse setor do clube, faria as mesmas contratações. Graças a Deus, sou de outro ramo. Mas fiquei feliz com cada jogador que era anunciado. E apoiei. Sempre tive uma excelente impressão do Cuca. Outro dia, quando fui ao CT, tive a felicidade de encontrá-lo. É um técnico jovem e promissor.

Falar em segredo do sucesso é complicado, mas existem alguns caminhos. O senhor pode apontar alguns?

Para ter sucesso, deve-se lutar por ele. Não há outra forma. Pelo menos, não encontrei nada fácil na vida. Também é preciso acreditar em Deus. Ele vai sempre nos proteger. Mas temos de buscar e fazer a nossa parte. A responsabilidade é muito grande tanto para quem está no setor empresarial quanto para quem dirige um time, uma empresa como o São Paulo. Já imaginou o tamanho da responsabilidade de tomar decisões por si, pelo clube e por milhares de pessoas? Quando o Tricolor ganha, seus torcedores ficam felizes. Isso é uma tremenda responsabilidade que tem de ser assumida. As pessoas que estão dirigindo o São Paulo têm consciência disso. É preciso fazer o melhor. Aquilo que se espera. Assim, há menos chances de errar e mais possibilidades de acertar. O Tricolor tem feito isso. Depois, é trabalhar, trabalhar e trabalhar.



“É uma equipe que está precisando de títulos, e isso aumenta ainda mais nossa responsabilidade. Nós não podemos mais tropeçar em momentos decisivos”

CICINHO sobre o início do Brasileirão 2004 (Folha de S. Paulo de 22 de abril)

“Foi um crime o que fizeram com a gente. Tudo o que nós fizemos na primeira fase foi por água abaixo por causa de um dia ruim”

CUCA sobre a desclassificação do São Paulo no Campeonato Paulista (Agora de 10 de abril)

“Ele unia o grupo e parecia incansável em campo. Repetia cruzamentos, faltas, até não poder mais”

ZETTI, treinador do Paulista do Jundiaí, sobre Telê Santana (O Estado de São Paulo de 11 de abril)

“Presepada é o azar do goleiro que vai repor a bola, dá na cabeça do jogador e ela volta para o gol. Aliás, acho que nem isso é ‘presepada’”

ROGÉRIO CENI em entrevista ao Lance! de 6 de abril

“Fiquei triste. Infelizmente, nossos rivais ficaram fora [da decisão]. Que fatalidade...”

LUÍS FABIANO sobre a desclassificação de Palmeiras e Santos no Campeonato Paulista (Lance! de 6 de abril)

“Vou sentir muita saudade deste clube. Estou há quatro anos e pretendo, um dia, voltar a jogar aqui”

GUSTAVO NERY sobre sua ida para o futebol alemão depois de defender o Tricolor por quase quatro anos (Lance! de 19 de abril)

“Ele (Kaká) iria ganhar 15% na negociação (R\$ 3,6 milhões) e abriu mão para ser negociado. Se ele abriu mão disso, é porque queria jogar lá e não iria render mais no São Paulo”

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA (Lance! de 26 de março)

“Sabe o que significa LDU? Luís deixou um”

LUÍS FABIANO sobre o gol que marcou no adversário equatoriano (Jornal da Tarde de 15 de março)

“Foi graças a Deus e ao São Paulo que conseguimos permanecer”

ÂNDERSON, zagueiro do Corinthians (JT de 15 de março)

Por causa desse vínculo e do espaço que o São Paulo dá para seus profissionais crescerem, até em outros cargos, todos acabam dando um pouquinho mais para o clube”

MURICY RAMALHO, técnico do São Caetano (Diário de São Paulo de 10 de abril)



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.

SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.

SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de
vídeo institucional do SPFC.

SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.

SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em
lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com
mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812

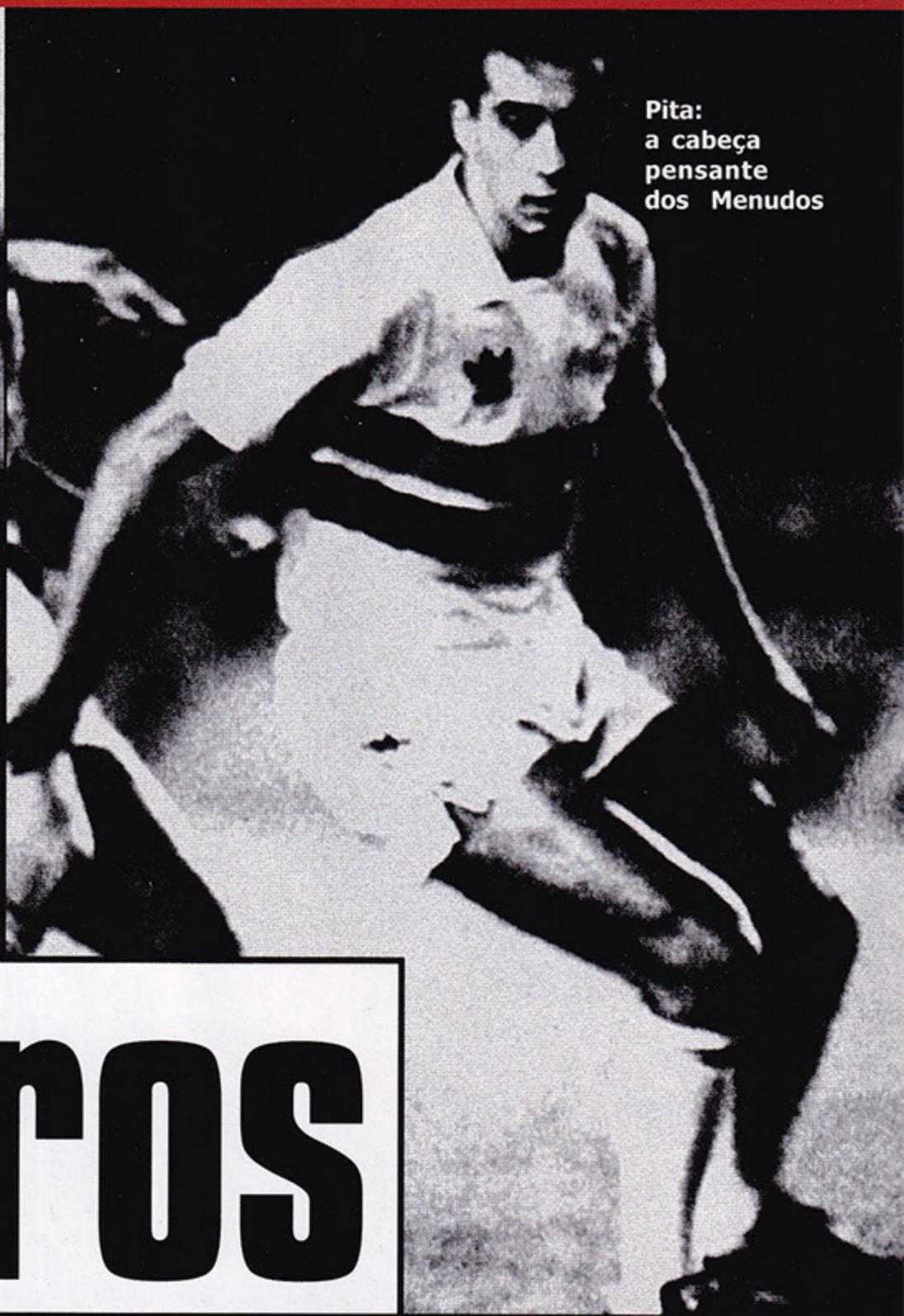


História do clube



Gérson:
lançamentos
perfeitos

FOTOS REPRODUÇÃO



Pita:
a cabeça
pensante
dos Menudos

Cérebros

Responsáveis pela função mais cerebral de um time, os armadores são os fantásticos craques da camisa dez

Por Fernando Savaglia/Colaborou Raul Snell Jr.

Criar, lançar, ditar o ritmo do jogo e apoiar o ataque. O somatório de tais características torna esses jogadores diferenciados. Às vezes, pela direita. Outras, pela esquerda. Independente disso ou daquilo, o que importa é deixar o atacante em situação confortável na cara do gol. Poucos times brasileiros podem se equiparar ao São Paulo em número de craques - alguns deles foram verdadeiros gênios - que já exerceram a função de meia-armador.

Nos anos 30, Araken, campeão paulista de 31, foi o primeiro a chamar atenção por sua categoria. A década teria outro grande atleta na função, conhecido, de maneira

muito apropriada, por Armandinho. Nos anos 40, Elba de Pádua Lima, o Tim - posteriormente, badalado técnico de futebol -, teve uma breve passagem pelo Tricolor.

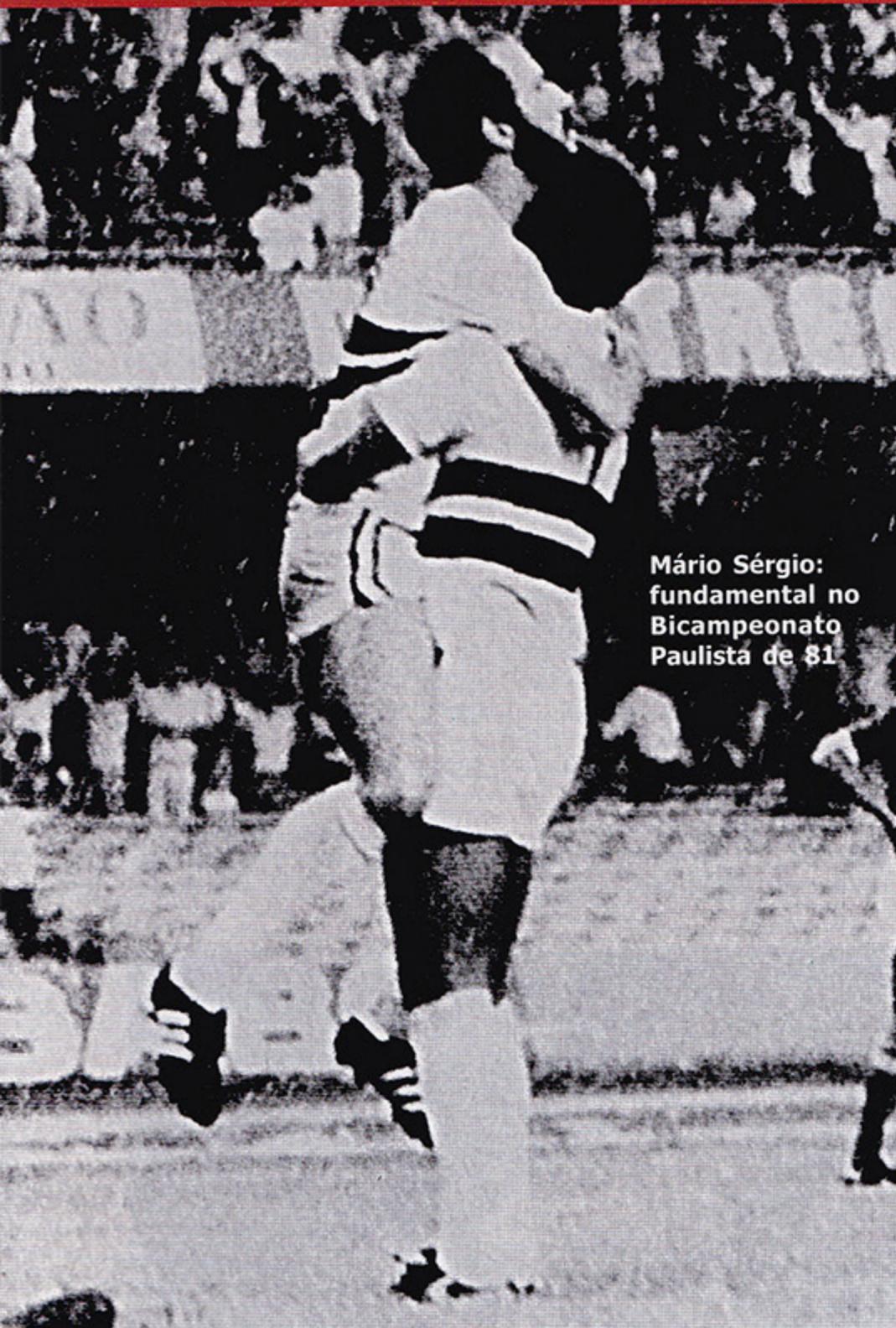
Mas foi um argentino que, atuando de meia-direita, encarregava-se de armar com categoria os elencos campeões de 43, 44 e 45. Veterano, Antonio Sastre veio consagrado do Independiente de Buenos Aires. Líder nato, comandou o fantástico elenco dirigido por Joreca. De forma curiosa, jogava ao seu lado com a dez o baixinho Remo Januzzi - que, segundo depoimentos de tricolores da velha guarda, fazia mais a função do ponta-de-lança. No São Paulo, tradicionalmente esse atleta era o dono da camisa oito, de Sastre. Hoje, porém, ela pertence aos chamados

segundos volantes.

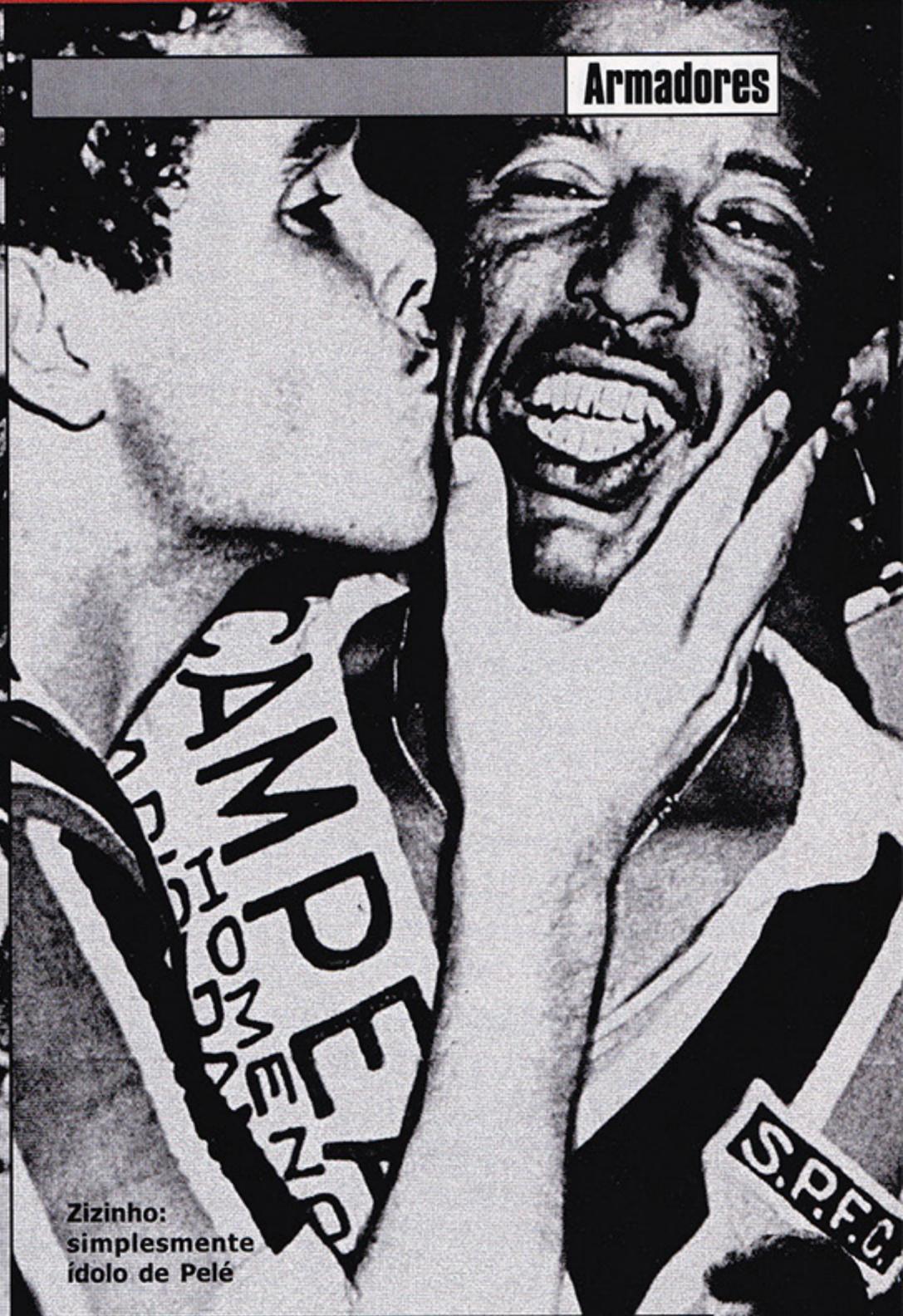
Remo foi titular durante os anos 40, período em que o São Paulo reinou no futebol paulista - em virtude disso, o time até recebeu o apelido de Rolo Compressor. Na década seguinte, brilharia Dino Sani. Armador num primeiro momento, tornou-se volante. Um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos, Thomaz Soares da Silva virou em campo Zizinho. No São Paulo, sua primeira partida não poderia ser melhor. A equipe venceu o Palmeiras por 4 a 2, em 10 de novembro de 1957. Além de driblador, finalizava com precisão e armava com maestria. Não era de levar desaforo para casa. Sua fama de encrenqueiro surgiu dessa característica.

Em pouco mais de um ano vestindo a dez, fez 27 gols e comandou o esquadrão campeão paulista de 57. Zizinho é o grande ídolo de Pelé. Os dois chegaram a se enfrentar algumas vezes. Num desses embates, a estrondosa goleada são-paulina de 6 a 2 sacudiu a Vila Belmiro. Isso aconteceu somente uma semana depois de sua estréia no Tricolor. Quando foi embora, teve seu lugar ocupado por Bibe, que, dono de versatilidade incomum, atuava de meia tanto pela esquerda quanto pela direita. Na década de 50, outros chegaram a fazer algumas partidas nessa mesma posição, como Maneca e Celsinho, que participou apenas de 19 jogos.

Gonçalo chegou em 1960. Veio



Mário Sérgio:
fundamental no
Bicampeonato
Paulista de 81



Zizinho:
simplesmente
ídolo de Pelé

da Portuguesa santista. Assim como Zizinho, era genial. E genioso. De estatura baixa, impressionava pela habilidade com que fazia seus lançamentos. Apesar de não ter conquistado nenhum título com o manto tricolor, foi um dos maiores armadores do clube. Depois, transferiu-se para o Santos. Nos anos 60, Bazzaninho, que defendia a Ferroviária de Araraquara; Didi, bicampeão do mundo de 58 e 62 que chegou em 1966 e ficou pouco tempo; e o experiente Jair da Rosa Pinto prestaram seus serviços ao São Paulo.

CANHOTINHA E EL VERDUGO NA ÁREA

Na década seguinte, o clube continuou tendo armadores fantásticos. Mas, com as obras do Morumbi concluídas, era possível montar equipes ainda mais fortes. E, conseqüentemente, trazer os títulos de volta. O carioca Gérson de Oliveira Nunes, o Canhotinha de Ouro - apelido que definia bem a perfeição de seus lançamentos, muitos dos quais superavam a marca dos 40 metros -, foi comprado do Botafogo do Rio de Janeiro. Já

como atleta do São Paulo, sagrou-se tricampeão mundial com a seleção brasileira em 1970. Sua atuação na Copa do México, assim como de toda a equipe, causou espanto. E rendeu-lhe o status de um dos maiores boleiros da história. No Tricolor, teve participação fundamental na conquista do Paulistão do mesmo ano. Ainda que, na última e decisiva partida contra o Guarani em Campinas, apenas tenha assistido aos companheiros das arquibancadas por conta de uma contusão.

De novo sob sua liderança, em 1971 o Tricolor conquistou o bicampeonato paulista em cima do Palmeiras. Mesmo tendo vontade de pendurar as chuteiras no Morumbi, o armador foi obrigado a voltar para o Rio de Janeiro em virtude de

Pedro Rocha:
genial
e artilheiro



O São Paulo foi um dos clubes brasileiros que mais tiveram meias-armadores de categoria. A torcida não se esquece de gênios como Zizinho, Pedro Rocha, Pita e Raí

História do clube

RAIO X DE ALGUNS MENTORES

Thomas Soares da Silva

Apelido: ZIZINHO

Nascimento: 14/09/21

Local: Niterói (RJ)

Data de entrada e saída: 08/11/57 e 20/02/59

Jogos disputados pelo SPFC: 60

Gols marcados pelo SPFC: 24

Título conquistado pelo SPFC: Campeão Paulista de 57

Outros clubes em que atuou: Flamengo e Bangu

GONÇALO Gonçalves

Nascimento: 08/04/35

Local: São Vicente (SP)

Data de entrada e saída: 08/03/60 e 08/05/64

Jogos disputados pelo SPFC: 94

Gols marcados pelo SPFC: 16

Outros clubes que defendeu: Portuguesa santista e Santos

GÉRSO de Oliveira Nunes

Apelido: Canhotinha de Ouro

Nascimento: 11/01/41

Local: Niterói (RJ)

Data de entrada e saída: 24/06/69 e 08/05/72

Jogos disputados pelo SPFC: 75

Gols marcados pelo SPFC: 12

Títulos conquistados pelo SPFC: Bicampeão Paulista 70/71

Outros clubes em que atuou: Flamengo, Botafogo e Fluminense

PEDRO Virgílio ROCHA Franchetti

Apelido: El Verdugo

Nascimento: 03/12/42

Local: Salto (Uruguai)

Data de entrada e saída: 21/09/70 e 24/09/79

Jogos disputados pelo SPFC: 375

Gols marcados pelo SPFC: 113

Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Paulista de 71 e 75 e brasileiro de 77

Outros clubes que defendeu: Peñarol, Coritiba e Palmeiras

MÁRIO SÉRGIO Pontes de Paiva

Nascimento: 07/09/50

Local: Rio de Janeiro (RJ)

Data de entrada e saída: 07/08/81 e 17/01/83

Jogos disputados pelo SPFC: 62

Gols marcados pelo SPFC: 8

Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 81

Outros clubes em que atuou: Fluminense, Vitória, Grêmio e Ponte Preta

Edivaldo Oliveira Chaves

Apelido: PITA

Nascimento: 04/08/58

Local: Nilópolis (RJ)

Data de entrada e saída: 18/06/84 e 01/07/88

Jogos disputados pelo SPFC: 240

Gols marcados pelo SPFC: 46

Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Paulista de 85 e 87 e Brasileiro de 86

Outros clubes que defendeu: Santos e Estraburgo (França)

RAÍ Souza Vieira de Oliveira

Nascimento: 15/05/65

Local: Ribeirão Preto (SP)

Data de entrada e saída: 15/09/87 - 1998 e 08/07/93 - 2000

Jogos disputados pelo SPFC: 296

Gols marcados pelo SPFC: 111

Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Paulista de 89, 91, 92 e 98; Brasileiro de 91, da Libertadores de 92/93 e do Mundial Interclubes de 92

Outros clubes em que atuou: Botafogo, Ponte Preta e Paris Saint-Germain

problemas pessoais. Lá, jogou no Fluminense antes de despedir-se em definitivo dos gramados. Gérson, até hoje, não esconde o carinho que tem pela camisa são-paulina.

Assim como ele, o uruguaio Pedro Virgílio Rocha Franchetti aterrissou no São Paulo com a bola toda. Em seu currículo, faziam volume os títulos de campeão da Libertadores e do Mundial Interclubes, ambos pelo Peñarol, tradicional equipe de seu país. Enquanto O Canhotinha de Ouro era titular absoluto jogando de armador, Pedro Rocha, na época com 28 anos, não tinha posição fixa no time principal. Chegou a ser ponta-de-lança e até centroavante. Mas não se adaptou a nenhuma das duas.

Com a saída de Gérson, o uruguaio virou o dono absoluto da camisa dez. Então pôde mostrar

seu futebol privilegiado. Pelé, certa vez, declarou que o considerava um dos cinco melhores de seu tempo. Além de orquestrar com eficiência o time, El Verdugo, seu apelido, não se cansava de fazer gols. Como poucos, batia na bola de maneira colocada ou forte - de acordo com a necessidade. Suas cobranças de falta eram magistrais. E ainda finalizava de cabeça com desenvoltura de fazer inveja aos torcedores adversários. Era completo. Ao todo, balançou a rede pelo Tricolor 113 vezes, feito notável para um jogador de meio-de-campo. Muitos que o viram jogar dizem que foi o maior armador que o clube já teve.

OS ESQUADRÕES

Em 1980, a diretoria apostou num superesquadrão para a disputa do Paulista. Vindo do Santos, Ailton Lira teve uma passa-



Leonardo:
versátil e inteligente



Raí: eterno
Rei do Morumbi

gem meteórica pelo Morumbi. Transferiu-se para o futebol árabe meses depois de estreiar no São Paulo. Seu sucessor, Heriberto, possuía características mais de marcação do que de criação. Mas foi Mário Sérgio Pontes de Paiva, dono da 11, que encantou a todos com seu estilo, em 1981.

Habilidoso com a perna esquerda, o craque armava a equipe que se sagrou bicampeã paulista naquele ano. Uma de suas jogadas mais características era aquela em que enganava seus marcadores olhando para um lado e lançando a bola para o outro. Apesar de ter ficado pouco tempo, fez história.

1984 marcou, pois foi quando surgiram os "Menudos do Morumbi". Esse grupo de garotos que subiram das categorias de base do clube, sob o comando do técnico Cilinho, daria muita alegria à enorme torcida tricolor a partir de 1985. Entre tantos jovens talentos, um dos mais experientes era Edivaldo Oliveira Chaves, o Pita (apelido dos tempos de infância), atleta que saiu do Santos. Elegância talvez seja a palavra mais adequada para falar de seu futebol. Toques refinados e dribles desconcertantes deram o equilíbrio necessário para aquela máquina de três cores faturar os Paulistas de 85 e 87, afora

o Campeonato Brasileiro de 1986. Famoso ficou seu belíssimo gol contra o Palmeiras no torneio nacional de 1985. Ele driblou meio time adversário e o goleiro Leão.

Contemporâneo de Pita, o polêmico Neto também vestiu a camisa do São Paulo. Apesar de não se firmar, o meia teve boas atuações em 1987. O armador disputou 33 jogos e marcou cinco gols. Em 1988, a dez seria de Renatinho, jovem promessa lançada por Cilinho que acabou não vingando.

REI DO MORUMBI

Raí Souza Vieira de Oliveira desembarcou no Morumbi no final de 1987. Como Sócrates, seu irmão, foi revelado pelo Botafogo de Ribeirão Preto. Na verdade, o craque demorou para encontrar sua melhor forma. Mesmo sendo campeão paulista de 89, foi com a chegada de Telê Santana, em 1990, que Raí passou a render tudo o que podia. Na sua primeira passagem pelo São Paulo, faturou sete títulos de expressão, entre os quais o bicampeonato da Libertadores e o primeiro Mundial Interclubes, cujos gols brasileiros foram de sua autoria. Um de barriga e o outro de uma cobrança espetacular de falta. Indiscutivelmente, dois dos tentos mais importantes da história são-paulina.

A VELHA DÚVIDA: MEIA-ARMADOR OU PONTA-DE-LANÇA?

Até os anos 50, geralmente a camisa dez era usada pelo meia-esquerda. Isso porque a disposição das equipes, com raras exceções, seguia, no esquema clássico (o 2-3-5) ou no WM, uma ordem crescente de numeração que ia do goleiro até o ponta-esquerda. A designação armador apareceu no instante em que o futebol deixou de contar com dois apoiadores - um pela esquerda e outro pela direita, realizando funções semelhantes cada um de seu lado - e passou a ter um homem mais encostado no centroavante, conhecido como ponta-de-lança, e um organizador de jogadas ofensivas atuando no meio-de-campo: o meia-armador.

Com toda sua genialidade, Pelé acabou por imortalizar a dez como a camisa destinada ao craque, fosse ele destro ou canhoto. Curiosamente, o Rei do Futebol em ação causava curto-circuito na cabeça de qualquer teórico. Pois atuava lançando e criando jogadas como armador. Mas tabelava com os companheiros de ataque como ponta-de-lança. E marcava muitos e muitos gols como o mais oportunista dos centroavantes. Não é à toa que foi considerado o mais completo jogador de futebol que já existiu.

Em 1993, foi para o Paris Saint-Germain. Lá, repetiu o sucesso. Cinco anos depois, porém, estava de volta para abocanhar mais um torneio paulista pelo Tricolor. Dessa vez, contra o Corinthians. Atuando apenas na última partida, provou que o Cícero Pompeu de Toledo era sua casa. Marcou o primeiro da memorável vitória por 3 a 1 sobre o rival. E a torcida o chamou de "O Rei do Morumbi". No período que esteve na Europa, seu lugar foi ocupado por Leonardo, ex-lateral-esquerdo do próprio São Paulo, revelado pelo Flamengo. Em sua segunda passagem pelo clube, Leonardo, deslocado para o meio-de-campo, fez partidas inesquecíveis, como a do bicampeonato mundial.

No final de 1994, o chileno Sierra, do Universidad Católica, time que enfrentou o Tricolor na Libertadores daquele mesmo ano, ves-

tiria a camisa são-paulina. O atleta, entretanto, não correspondeu às expectativas. Nos anos 90, passariam pelo clube Sandoval, bastante discreto; e Souza, vindo do Corinthians. Este alternava grandes atuações com períodos em que passava despercebido. Na sequência, foi a vez de Adriano, que, entre 1996 e 2003, viveu três momentos diferentes. No último deles, deu sua contribuição no torneio Super-Paulistão de 2002. Na finalíssima, o Tricolor venceu o Ituano por 4 a 1 com dois gols dele. Em seu lugar, entrou Ricardinho, que, por conta de uma série de contusões, também não obteve êxito. Hoje, Marquinhos, que veio por empréstimo, e Danilo, ex-Goiás, são as esperanças da enorme torcida do São Paulo de que a camisa dez continue preservando a máxima de pertencer apenas aos legítimos craques do futebol.

De bem com a massa

Após transferência desgastante, Cicinho chegou ao Tricolor do Morumbi e, de imediato, conquistou a torcida com seu ótimo futebol e seu carisma

Por Sergio Luci

Aos 23 anos e com passagens por clubes de ponta do futebol nacional, Cícero João de Cézare, o Cicinho, apelido que recebeu graças à sua estatura, desembarcou no Morumbi depois de uma verdadeira batalha judicial e, em menos de seis meses, conseguiu demonstrar o motivo pelo qual a diretoria são-paulina lutou tanto por seus direitos federativos. Hoje, fazendo ótimo trabalho no Tricolor, despontando como sucessor de Cafu, principal destaque da posição na última década.

Amante de música sertaneja e gospel, o lateral confessa que sempre foi apaixonado por futebol. Ao contrário da maioria dos garotos, nunca teve vontade de ganhar carrinho de controle remoto. Empinar pipa, jogar bolinha de gude e rodar peão não eram seus passatempos prediletos. Ainda criança, descobriu o que seriam as suas verdadeiras paixões ao longo da vida: o futebol e a pesca. A bola e os peixes sempre fizeram parte de seu cotidiano na pequena cidade de Pradópolis, no interior de São Paulo.

De família humilde, Cicinho se considera privilegiado por

nunca ter passado por dificuldades. Seu pai sempre batalhou para garantir conforto. Na época, o emprego que possuía o ajudava a suprir as necessidades do lar. "Nunca precisei trabalhar para ajudar no orçamento de casa. Não tenho do que me queixar", diz. Ao completar seis anos, o garoto, impulsionado pelos pais, deu o pontapé inicial. Foi inscrito numa escolinha de futebol. Paralelamente ao amor pela bola, surgiu o gosto pela pesca. Sempre adorou ficar à beira do lago em busca de uma boa "fisgada". "Quando vou para a minha cidade, separo um dia e fico pescando. Minha namorada também me acompanha. Sou o melhor (risos)", brinca o jogador. Cicinho sempre foi um bom aluno e estudou até o segundo ano do ensino médio. "Em nenhum momento, 'matei' aula para jogar bola ou pescar", garante.

O tempo foi passando e suas qualidades, desabrochando. Conquistou um lugar entre os principais jogadores da cidade e entrou para a seleção local. A equipe disputava o torneio regional, do qual também participavam os badalados times do Comercial e do Botafogo, ambos de Ribeirão Preto. E foi

num desses campeonatos que começou a se destacar. Certo dia, recebeu um convite e, com 14 anos, passou a integrar a equipe infantil do Botafogo. Os treinos eram realizados às terças e quintas. Como a cidade se localiza, aproximadamente, a 30 quilômetros de Pradópolis, ia de ônibus. E, no mesmo dia, retornava para a casa. Às vezes, seu pai o levava.

Lá, permaneceu na categoria até os 16 anos, quando virou juvenil. A partir daí, seu dia-dia foi reformulado. Começou a morar na concentração do clube e já não voltava à sua cidade. Ficava em Ribeirão Preto de segunda a sábado, quando eram disputados os jogos. Quando não havia partida aos sábados, treinava pela manhã e era dispensado. Na folga, visitava a família.

CURIOSIDADE

Além da torcida paulistana, Cicinho conta com um apoio especial. Em Pradópolis, sua cidade natal, mais da metade da população é são-paulina. Na época da transferência para o clube, diversos vizinhos apareciam em sua casa para pressioná-lo a vestir o manto tricolor. No jogo contra o Alianza Lima, seus conterrâneos alugaram um ônibus e uma perua para acompanhar de perto a atuação da equipe.

CICINHO

Cícero João de Cézare

Nascimento: 24/06/80**Local:** Pradópolis**Altura:** 1,69m**Peso:** 69 quilos

Lateral em ótima fase:
alto astral nas horas
vagas e no campo

FORÇA DE VONTADE

Com 18 anos e já atuando pelos juniores, Cicinho chegou a pensar em desistir da carreira. Durante os quatro anos de permanência no clube, sequer havia vestido a camisa de titular. A situação o incomodava. E, em conversa com os pais, optou por desistir. Eles concordaram com a decisão. Mas o alertaram sobre as futuras dificuldades. Disseram que conseguiriam um novo em-

prego para ele. Deixaram claro, porém, que Cicinho não se adaptaria à nova rotina com facilidade, já que, no Botafogo, os treinos eram realizados em apenas um período, das 9h às 10h da manhã. E só. Em seu novo serviço, a carga horária seria das 7h às 17h. "Minha mãe sempre brincou comigo. Ela dizia que eu era muito devagar, preguiçoso e que só gostava de ficar em casa sem fazer nada", fala sorrindo. Com

tais obstáculos, resolveu ficar com o emprego que tinha.

As oportunidades apareceram e o jogador começou a se destacar. Em 2001, com 19 anos, despertou o interesse do Atlético-MG. Não pensou duas vezes. Arrumou as malas. Cicinho aventurou-se em Minas Gerais, defendendo as cores do Galo. Em janeiro de 2002, o atleta foi emprestado ao Botafogo-RJ. Lá, permaneceu até o meio do ano. Com ótimas apresentações, o

clube mineiro requisitou seu retorno. Cicinho voltou em julho e ficou um ano e meio. Por conta do belo futebol demonstrado nesse período, diversas equipes do mundo lançaram as suas iscas para "pescá-lo", dentre elas, o Parma, da Itália; e o Kashima Antlers, do Japão. Mas o Tricolor não titubeou e "fisgou" o atleta.

SÃO PAULO FC

Antes de chegar ao São Paulo, Cicinho entrou em con-

Fé: a grande virada de sua vida



“Não quero ser mais um. Se eu jogar como o Vitor e o Cafu e não ser convocado para defender a seleção, de que adiantará?”

BATE-BOLA COM CIGINHO

Por conta da batalha judicial que se arrastou no episódio da sua transferência, em algum momento você ficou com medo de que ela não pudesse vingar?

Não fiquei com medo em nenhum momento. Sempre rezei muito. Queria vir para cá. Desde 2001, estava sendo observado pelo Tricolor. E a minha advogada deixou claro que nunca entrava para perder. Se acaso não desse certo, rasgaria o diploma.

Você recusou três propostas do exterior para jogar na capital. Quais eram as equipes e por que optou pelo Tricolor?

De fato, recebi três propostas. Os times eram o Parma, da Itália; o Kashima Antlers, do Japão; e uma equipe da Rússia. Desde de criancinha, tenho uma simpatia pelo São Paulo. Ao mesmo tempo em que torcia para o Botafogo, gostava bastante do Tricolor por causa da minha família e da minha cidade. Mais da metade dela é são-paulina.

Como é seu relacionamento com o São Paulo Futebol Clube?

É muito bom. Um dos jogadores que me receberam de braços abertos foi o Luís Fabiano. Ele encostou em mim e disse que era da paz. Essa atitude não me surpreendeu porque ele também deve ter tido dificuldade para chegar ao profissional.

Recentemente, você chegou a dizer que, na época em que se transferiu do Botafogo-SP para o Atlético-MG, era muito baladeiro...

A imprensa andou forçando um pouco. Não era bem assim. Sempre gostei de sair. Até mesmo hoje. Mas é totalmente diferente. Atualmente, saio para jantar e dou a minha voltinha sem deixar de preservar a minha imagem. Como qualquer outra pessoa, tenho todo o direito de me divertir. No Atlético, eu dormia às 4h da manhã. Aqui, vou para a cama à meia-noite. Aprendi a dosar. Em Minas Gerais, por conta das minhas escapadas, treinava pouco. Dava "migué". Também comia fora de hora porque acordava tarde. Levantava às 13h. Me contentava com algumas bolachas e uma xícara de café. Mas hoje sou totalmente diferente. Afinal, o meu instrumento de trabalho é o meu corpo.

Quais foram os motivos da mudança de comportamento? O fato de freqüentar a igreja o ajudou de alguma forma?

Cada um sabe o que é prejudicial para si mesmo. Naquele momento, era o que estava me prejudicando. O fato de eu freqüentar a Igreja Batista ajudou significativamente. Mas não sou batizado. Sou católico. Em São Paulo, ainda não fui a nenhuma igreja. Para a molecada que está chegando, aconselho a manear nas baladas. Tem que parar no momento certo. Como eu fiz.

Você e o Fábio Simplício são as principais armas de contra-ataque. Cuca cronometra 30 segundos para a bola sair das mãos de Rogério Ceni, passar por um de vocês e chegar a Luís Fabiano. Contra a LDU, a jogada deu certo. Fale mais sobre ela.

Ela é muito boa e vem dando resultado. Somos sempre o Simplício e eu pelo fato de sermos os mais velozes. E estamos sempre aperfeiçoando essa qualidade. Além do mais, com essa jogada, podemos ajudar o time em diversas partidas.

Você foi o ganhador do prêmio "Funcionário da semana" depois do clássico contra o Corinthians. Como é feita a votação? Dá mais motivação para entrar em campo? Une mais o grupo?

Já ganhei contra o Corinthians, a LDU e uma outra vez, agora não me recordo do adversário. Na primeira vez, recebi um DVD da LG. Mas foi à parte. Sempre nos reunimos no CT para realizar a votação. Esse prêmio motiva muito mais o jogador e une o grupo, sim. Todos dão o máximo com o intuito de serem elogiados. Isso é muito legal.

O que você curte fazer fora do ambiente do futebol?

Sou tranquilo. Fico no meu quarto assistindo à TV. Não saio muito porque no CCT há horário para chegar. Às 23h30, tenho de estar de volta. Do contrário, tenho de dormir em hotel. Aí não é bom, né?

tato com Lucio Flavio, amigo particular e ex-jogador do clube, para saber mais informações sobre sua futura equipe. Após a conversa com o colega, desembarcou mais tranquilo e confiante. Foi lhe dito que a agremiação paulista era a que possuía uma das melhores condições de trabalho do Brasil.

Atualmente, assim que se encerram as atividades, o jogador não precisa ir longe para descansar. Cicinho se acomodou em um dos quartos do CCT e não pretende sair tão cedo. "Não senti quase nenhuma dificuldade. Em termos de clube e de amizade, fui recebido de braços abertos. A diretoria, então, nem se fala. Os funcionários daqui são muito 'gente fina'", comemora.

Com tantas alegrias fora das quatro linhas, o resultado vem se refletindo dentro delas. Ele mantém ótima regularidade e é apontado como peça-chave no esquema de Cuca. No jogo contra o Alianza Lima, pela última rodada da primeira fase da Libertadores, atuou praticamente os 90 minutos no campo adversário como legítimo ponta-direita. Aliando velocidade e técnica, pretende acabar com o estigma da camisa dois tricolor. Após Vítor, Cafu e, mais recentemente, Belletti, diversos jogadores passaram pela posição sem deixar saudade. "Vim justamente para que isso acontecesse. Não quero ser mais um. Se eu jogar como o Vítor e o Cafu e não ser convocado para defender a seleção, de que adiantará?", questiona.

Mas, segundo a ótica de Cuca, a hora de o garoto ser convocado está chegando. O técnico já deixou claro que o

atleta é um dos quatro melhores laterais do Brasil ao lado de Rogério (Corinthians), Maurinho (Cruzeiro) e Paulo César (Santos). Segundo Cuca, Cicinho se destaca pela precisão nos cruzamentos. Fator fundamental para a posição. "Tenho as minhas qualidades. Não adianta ser um lateral peixe: aquele que chega à linha de fundo, e nada", diverte-se.

Com o moral elevado e batendo um bolão, o atleta não esconde que está esperançoso em vestir a amarelinha. Na sua opinião, ser bom lateral é difícil. Além de pegar bem na bola e dispor de ótimo preparo físico, os jogadores da posição não podem se descuidar da marcação. "Além de sempre se aperfeiçoar nos cruzamentos, o lateral precisa treinar a marcação e a cobertura dos zagueiros. Acertar os passes e saber atacar são características imprescindíveis. Juntamente com os dois volantes, é o pulmão do time", conclui.

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Dinheiro: Muito importante. Mas muito cuidado porque pode atrapalhar

Frustração: Contusão que tive na virilha enquanto jogava no Atlético-MG

MULHER: MINHA MÃE, MINHA NAMORADA E MINHAS SOBRINHAS

Homem: Meu pai

Família: Uma das principais causas por eu jogar futebol

SELEÇÃO: O TOPO NA CARREIRA DE UM ATLETA

Medo: De contusão

Tristeza: Perder final de campeonato

FELICIDADE: SER CAMPEÃO DA LIBERTADORES PELO SÃO PAULO

Cinema: Com a namorada é ótimo

Música: Gospel e Sertaneja

SPFC: SÓ TENHO A AGRADECER. ME RECEBEU DE PORTAS ABERTAS E VOU DAR O RETORNO

Brasil: Maravilhoso. Daqui, não saio nunca. Só para jogar na Europa e depois retornar

Bebida: Suco de Laranja

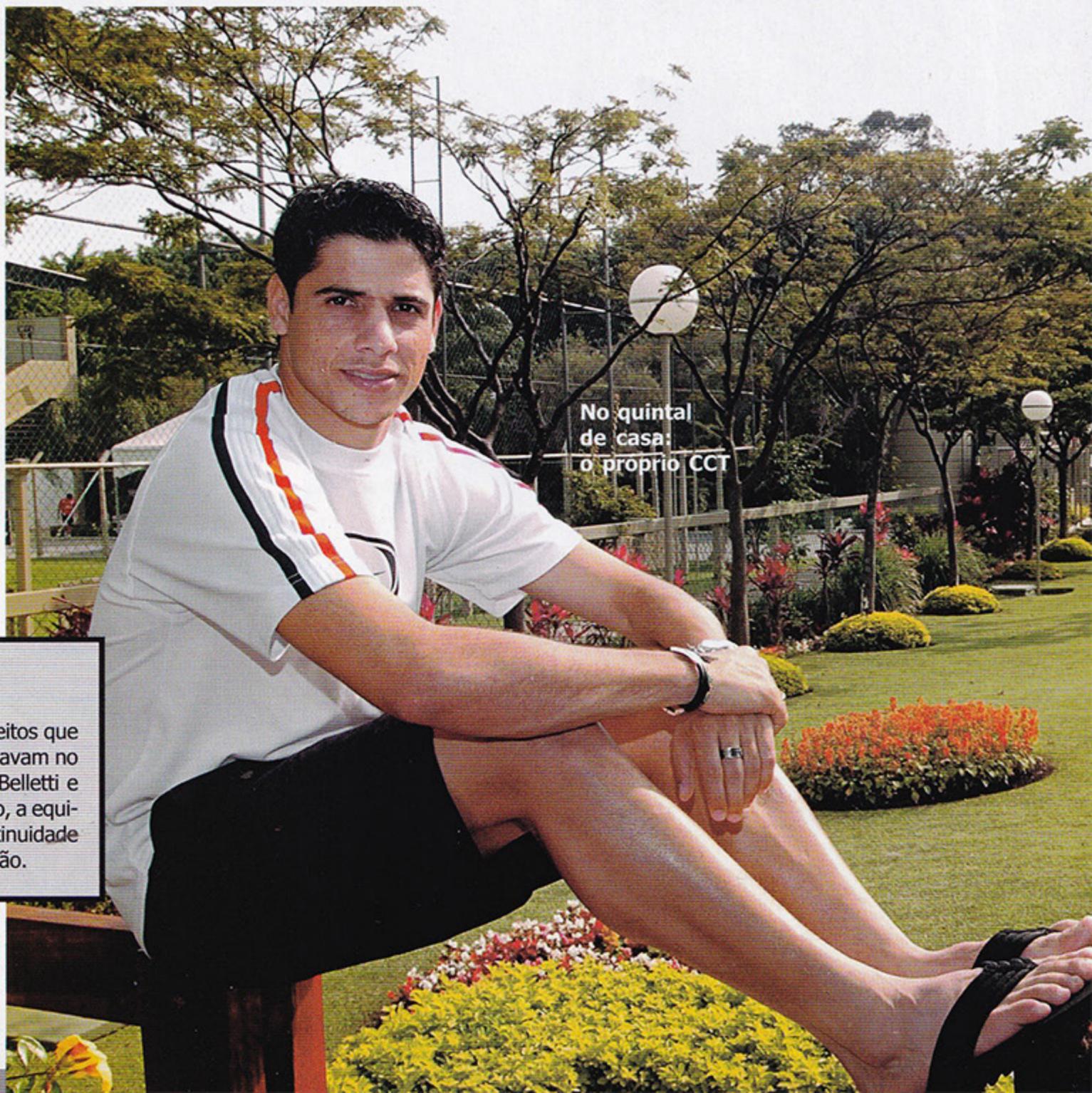
Diversão: Pescar

FUTEBOL: DOM QUE DEUS ME DEU

Sonho: Vestir a camisa da seleção

Vitória: Aceitar Jesus como meu senhor e meu salvador

ALEGRIA: MINHA FAMÍLIA



No quintal de casa: o próprio CCT

VOCÊ SABIA?

Os últimos quatro laterais-direitos que vestiram a camisa da seleção jogavam no São Paulo. Jorginho, Zé Carlos, Belletti e Cafu eram tricolores. Com Cicinho, a equipe do Morumbi poderá dar continuidade à legião de craques nessa posição.



Rotina de artilheiro:
correndo para o abraço
após marcar contra o
Cobreloa, no Morumbi,
pela Libertadores

Mudança de hábito

Feliz da vida - pois está prestes a se tornar pai, tem batido um bolão na Libertadores e vem sendo nome certo nas convocações da seleção -, Luís Fabiano garante que não é bad boy e diz que gozaria de reconhecimento mundial se o futebol brasileiro tivesse mais crédito

Por Carlos Mesquita

Muitos são os adjetivos que podem qualificar o futebol de Luís Fabiano e, na Libertadores da América, a primeira de que participa, o atacante tem mostrado novamente que, em suas veias, corre sangue de craque. Foi assim contra a LDU, no Morumbi, quando encobriu com classe Jacinto Espinoza. Depois de parar rapidamente na frente do arqueiro, olhar e escolher o canto, estufou a rede com consciência. Decidido a marcar, como revela na entrevista a seguir, levou a torcida, aos 28 minutos do segundo tempo, a um grito de gol que estava preso e o São Paulo a uma vitória importantíssima.

Diante do Alianza, em casa, desequilibrou mais uma vez. Aos 45 segundos da etapa complementar, com o placar em 1 a 1, aprontou uma das boas. Fábio Simplício

o lançou em profundidade. E Luís, com categoria, matou no peito, driblou seu marcador e, só para não variar nada, deslocou o goleiro Butrón. Pôs a bola onde bem queria. Era o segundo do São Paulo. A vitória seria selada aos 24 minutos por ele próprio. De voleio, aproveitou o cruzamento de Cicinho, e ainda teve, pelo menos, outra chance de ampliar a goleada: por pouco não marcou de letra no finalzinho.

Seguidas vezes artilheiro de vários campeonatos, Luís Fabiano está ávido por títulos. Agora, mais do que nunca, é um atleta obstinado a vencer. Diante do São Caetano, pelo Paulista, cobrou publicamente o time depois da desclassificação. Queria atitude de campeão.

Seu relacionamento com os árbitros parece diferente. Ele mesmo confessa que aqueles com quem teve problemas num passa-



Com a bola dominada: perigo para os adversários

do recente são hoje os que mais o deixam tranquilo em campo. O atacante de 24 anos dá sinais de que amadureceu. As visitas à psicóloga surtiram efeito e a gravidez da noiva, Juliana, mexeu com ele. Sua filha, Giovanna, chega em junho. Por ora, todos à sua volta estão ansiosos. "O bairro, os tios, os amigos", fala com um largo sorriso estampado no rosto.

As coisas boas não param de acontecer. O atacante vem sendo nome certo nas convocações de Carlos Alberto Parreira, técnico da seleção brasileira. E, em 28 de abril, começou o amistoso contra a Hungria, em Budapeste, como titular, já que Ronaldinho, o Fenômeno, dono da posição, recuperava-se de lesão na perna esquerda. E balançou as redes duas vezes. O jogador do São Paulo Futebol Clube estreou com a amarelinha em 11 de junho de 2003. Na ocasião, o Brasil enfrentou a Nigéria e venceu por 3 a 0 com direito a um gol dele. Pelas elimi-

natórias da Copa de 2006, entrou no segundo tempo dos jogos contra Peru e Uruguai.

Feliz, Luís Fabiano comemora e diz que tentará segurar com unhas e dentes a vaga no selecionado nacional. "Tive paciência para esperar essa chance e ela chegou. Farei de tudo para agarrar essa oportunidade de ouro. Quando o Ronaldo voltar, quero ser o companheiro dele no ataque da seleção", avisou.

Você está vivendo uma fase mais paz e amor?

A fase que estou vivendo é muito boa desde o ano passado. Mas, realmente, estou mais tranquilo neste começo de temporada.

É pelo fato de estar prestes a se tornar pai?

Com a gravidez da minha noiva, estou mais tranquilo e tendo mais responsabilidade. Mas, dentro de campo, a única coisa que mudou é que estou mais motivado.

Como está a sua noiva?

É um grande ano para ela, pois é um sonho que está realizando. A Juliana, hoje, está pisando nas nuvens, ainda mais porque é uma menina. O nome dela será Giovanna. Chega em junho.

A sua família está ansiosa?

Está uma felicidade geral, mas estamos vivendo numa ansiedade total. E é de todos os lados. O bairro, os tios, os amigos.

Se seu avô estivesse aqui, iria ficar muito feliz.

Acho que minha maior felicidade seria se meu avô estivesse aqui. Não vou ter fã igual. Ele andava com meus recortes no bolso. Tinha até de jornal francês. Nunca imaginaria que tivesse aquilo. Se estivesse aqui, iria estar muito alegre. Principalmente pelo fato de me ver vestindo a camisa da seleção e ainda marcando gol. Iria pirar. Acho que ele me ajuda onde está. Por pouco, não me pegava no São Paulo. Era torcedor da Ponte Preta.

"O São Paulo não depende exclusivamente de mim. Mas acredito que, na maioria das vezes em que o time precisa, apareço"

Pintura: abriu, de voleio, o placar de 3 a 1 contra o Cobreloa

Mas acho que a maior alegria dele seria me ver no Tricolor. Certamente, iria se apaixonar pelo clube da mesma forma como eu gosto. Aliás, no dia em que sair do São Paulo, vou chorar como criança. A minha trajetória aqui é muito legal.

As convocações para defender a seleção brasileira têm mexido com você?

Seleção brasileira requer paciência. Estou indo. Mas tenho ficado no banco. Meu objetivo é poder jogar mais por ela. Enquanto não tiver oportunidade, não posso fazer nem falar besteira para me prejudicar.

Não seria bem-vinda uma dupla Ronaldo/Luís Fabiano?

Isso é com o Parreira. Teria de rever o esquema pelo qual opta. Ele gosta de jogar com dois meias...

Muita gente fala que você tem características parecidas com as de Ronaldo e, até por isso, Parreira não escalaria vocês dois juntos. Faz sentido?

A única coisa que a gente tem de semelhante é a posição. O resto...

Nem mesmo a explosão?

Talvez o arranque. Somos totalmente diferentes. O jeito como ele gosta de jogar é um e o jeito como eu gosto de jogar é outro.

As semelhanças param por aí?

Acho que sim.

Vamos falar um pouco de Paulistão 2004. No final da partida contra o São Caeta-

no, você disse que, se o time continuasse jogando daquele jeito, não iria ganhar nada. Já sentiu alguma mudança de atitude no elenco?

Teve mudança, sim. Percebemos isso contra o Cobreloa. Foi uma partida decisiva jogada fora de casa. Valia o primeiro lugar na classificação. Mesmo com um homem a menos, tivemos a atitude de correr atrás e segurar o resultado. Mas ainda está longe do ideal. Ganhamos. Foi muito bom. Mas um time vencedor precisa de algo mais. Se não tiver isso, não vai ser campeão, não. O título está no detalhe.

Aliás, em que detalhe, exatamente, o São Paulo errou contra o São Caetano?

Nos preparamos para esse jogo. Treinamos escanteio e sabíamos que o Anderson Lima batia falta muito bem. Mas, na hora em que era para fazer, não fizemos. Ficou só no ensaio.

Foi uma derrota muito amarga, difícil de assimilar?

Muito amarga. Quem perdeu mais fui eu. Um jogador mediano me criticou, o time perdeu, não fiz gol e ainda fui expulso.

O que aconteceu exatamente entre você e ele [Serginho]?

A mim, ele não falou nada. Dis-

se depois do jogo, quando já tinha saído para comemorar a vitória. Fui para o exame antidoping. Ele estava lá. E, muito cara de pau, me cumprimentou e tudo mais. Para mim, ele não é homem, porque, se fosse, falaria naquele momento e não depois para a imprensa. Resolveríamos as contas ali mesmo.

Ser o único jogador são-paulino que marcou contra o São Caetano na história não conforta?

Nada alivia a derrota. É mais um ano perdido. O Campeonato Paulista só vai ser realizado em 2005. Há muito tempo, tenho dito que não adianta ser artilheiro e, na hora H, por um motivo ou outro, acontecer o que vem acontecendo.

Essa situação o incomoda?

Muito, muito, muito.

Pode-se dizer que você teve uma recaída contra o São Caetano?

Não. Quem entende de futebol

sabe que não merecia ser expulso. Nem relei no jogador. O carrinho pode ser interpretado de muitas formas. Mas, se quisesse pegar o cara, eu teria ido na direção dele e não na direção da bola. No vídeo, apareço com uma perna dobrada e a outra esticada. Não toquei nele. Ele se jogou. Como a fama pesa muito...

***Então você considerou justa a sua absolvição no julgamento?**

Lógico. Eles viram que não adiantava nada eu ser punido. Seria uma injustiça.

Já o Fabão não teve a mesma sorte...

Não acompanhei.

Você fez o gesto da bana-

"Infelizmente, o futebol brasileiro não tem esse crédito, embora seja pentacampeão. Sempre tem mais valor o gol de um jogador de lá do que o gol de um cara daqui"

*** SEGUNDO VEREDICTO**

No primeiro julgamento, Luís Fabiano foi absolvido da expulsão e da banana que fez para a torcida adversária. O Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, porém, recorreu da decisão. E o atacante foi condenado a pagar 300 cestas básicas. "Gostei que mudaram o resultado e me condenaram. Assim, 300 pessoas vão ter o que comer. Vou pedir para doar para alguma casa de idosos," disse Luís Fabiano, ao saber da decisão, aos principais veículos de comunicação de São Paulo.

Bom garoto:
tornou-se em
2004 padrinho
de campanha
beneficente

MAURI GRANADO



na para a torcida adversária. Não teve medo de isso lhe custar caro, como, por exemplo, não ser convocado para defender a seleção brasileira?

Foi um desabafo. Não fiquei com medo de maneira alguma. Não me arrependo do que faço. Não consigo segurar o que estou sentindo. Acho que tinha de fazer aquilo. Se não fosse expulso, não teria feito.

Seu relacionamento com os árbitros melhorou bastante. Mas ainda existem alguns que pegam no seu pé...

Muitos pararam. Mas sempre tem um que gosta de ficar em cima e espera alguma oportunidade para me dar o cartão. Não sei por que motivo.

E como você está se entendendo com a Sílvia Regina?

Por incrível que pareça, tenho um relacionamento muito bom com ela. Muito tranquilo. Os juizes com quem tive mais problema são os que mais me ajudam e me deixam à vontade para jogar. A Sílvia Regina e o Paulo César, entre outros, são exemplos do que falei. Mas há uns que parecem ter alguma coisa contra. Que querem me ferrar ou mesmo ao São

Paulo. Não sei. Há muitos árbitros que têm o apito duvidoso.

No jogo da volta contra a LDU, falou-se que o São Paulo foi provocado. O goleiro Jacinto Espinoza perturbou muito?

Não só ele como todos os jogadores estavam provocando a gente. Diziam que estávamos com medo. E balançavam o calção. Se achavam o melhor time. Mas, no final, tomaram o gol.

Seu gol foi uma pintura. É coisa de craque?

Essas coisas partem do jogador. Não têm explicação. O atleta que tem qualidade faz isso. Eu vi o goleiro saindo, correndo desesperado. E como estava decidido a fazer um gol... É preciso ter confiança em você. Só assim é possível fazer o que quiser. Dá certo.

Na transmissão da partida entre São Paulo e Cobreloa, no Chile, o Galvão Bueno e o Casagrande, da Rede Globo, diziam que você não estava bem. Que devia estar sentindo os efeitos da altitude. De fato, houve alguma coisa do gênero?

Estava mais difícil de recuperar o fôlego quando eu corria. Mas não sei por que motivo não estava legal. Depois que o Grafite foi expulso, dei uma crescida. Tive a oportunidade de fazer um gol, que, se marco, iriam falar que eu estava legal. Iriam queimar a língua.

No começo da Libertadores, você disse que o time tinha de entrar preparado para dar porrada...

Fiquei muito chateado com o jornal. Não foi bem isso que falei. Puseram na capa que eu iria dar porrada. Mas não foi bem por aí.

Como você lida com as críticas?

Normalmente, de todas as críticas, procuro tirar o que há de bom. A parte ruim, jogo fora. Não devo nada a ninguém. Faço meu trabalho com honestidade e de cabeça erguida. Nunca faltei a um treino. O importante é o que faço pelo São Paulo e a nação tricolor gostar de mim, me apoiar.

A sua postura tem alguma coisa de bad boy?

Para mim, bad boy é o cara que faz besteira fora de campo. Dentro, ninguém pode explicar o que acontece, a não ser o próprio jogador que está vivendo aquele momento. Fico nervoso porque quero vencer. No dia em que alguém ouvir falar de duas ou três besteiras que fiz fora, poderão dizer que sou bad boy. Nunca ninguém escutou nada porque não fiz

nada. Chego cedo, treino e não me atraso. Meu jeito atrapalha muita gente. Essa é a verdade.

Você é o maior ídolo do São Paulo hoje ao lado de Rogério Ceni. Até que ponto isso é bom?

Desde o momento em que comecei a ser ídolo do São Paulo, só vivi coisas boas. É lógico que a pressão aumenta. O torcedor aposta no meu futebol. Então passou a existir a pressão de ter de decidir, tomar a frente em muitas ocasiões. Mas, para mim, é maravilhoso

Mas o peso não é cada vez maior, pois você é o Luís Fabiano matador do São Paulo, da seleção brasileira e é o cara que decide?

O peso é grande, mas não jogo sozinho. Há outros dez ao meu lado.

Você disse que tinha medo de ficar marcado como um jogador que não ganhou títulos. É possível acontecer isso, mesmo com todo esse carinho da torcida e com essa quantidade de gols que você fez e ainda vai fazer?

É verdade. No São Paulo, tenho sido artilheiro de vários campeonatos. Fui do Brasileiro, do Paulista e da Copa dos Campeões, entre outros. Mas não adianta fazer gol e não ganhar nada, apesar de eu ter o apoio dos torcedores. Eles gostam de mim como se eu tivesse ganho vários títulos.

Numa edição do Lancel de fevereiro, foi publicada a sua média de gols. E ela superava a de todos os outros grandes atacantes da Europa. Por que um atleta que joga fora do continente europeu não disputa, por exemplo, o título de melhor do mundo?

Se eu tivesse essa média na Europa, seria apontado como um dos melhores atacantes do mundo. Infelizmente, o futebol brasileiro não tem esse crédito, embora seja pentacampeão. Sempre tem mais valor o gol de um jogador de lá do que o gol de um cara daqui.

Mas você prolongou o contrato até 2008, teve aumento de salário e a sua multa rescisória subiu para 20 milhões de dólares. Isso é um reconhecimento, mesmo que só da parte do São Paulo Futebol Clube, não é?

Sem dúvida alguma. No Brasil, tenho certo reconhecimento, apesar de haver muitos jornalistas dizendo que eu não sou isso ou aquilo.

Há gente mal-intenciona-

da por perto?

Além de mal-intencionada, há muitas pessoas falsas. Há gente que me convida para ir ao programa domingo à noite - vou na maior boa vontade, mas poderia ficar em casa - e, na minha frente, me ergue. Mas, depois, por trás, fala um monte de besteira e me dá umas detonadas. Mas tudo bem. Não ligo. Os números mostram. É só pegar a minha média e ver.

Fazem sentido as comparações entre seu estilo e o de Serginho Chulapa?

Acho que, pelo temperamento, somos parecidos, sim. Mas o Serginho foi mais explosivo que eu (*risos*). De qualquer maneira, fico muito feliz em ser comparado a ele. Foi um ídolo. Muitas pessoas me comparam ao Careca também.

Henry (Arsenal), Ronaldo (Real Madrid), Van Nistelrooy (Manchester United) e Maakaay (Bayern de Munique). Quem é o melhor?

O Ronaldo supera todos. Tem o poder de decidir. A técnica dele é apurada. Os outros ficam devendo.

Qual é o balanço das apos-

na cabeça que não sou, realmente, o que falam. Muita gente diz que sou isso e aquilo. Mas tem de haver a humildade de continuar trabalhando e fazendo o que venho fazendo. Acho que não é nada mais que isso. E deixar o povo falar. O difícil não é chegar ao lugar que cheguei. É ficar onde estou agora. Com muito esforço, trabalho e dedicação, tenho conseguido. Meu empresário sempre me cobra. Procuramos assistir aos jogos. E isso é importante. Não adianta cair na ilusão de que sou o bom e jogar com o nome. Rapidinho, vão começar a falar que o sucesso subiu à cabeça. Já vi vários jogadores despencarem, sumirem, caírem de repente.

Você tem um relacionamento bastante diferenciado com seu empresário, não tem?

Ele é um cara que me dá muita atenção. É um empresário diferenciado mesmo. Procura estar por perto incentivando e criticando. Não se limita só a negociar, ir embora e ligar para dizer que fechou negócio. É mais que isso.

Como foi a história da cam-

“Não estou preocupado com minha imagem. Ela vai mudar onde começa: dentro de campo. Não preciso de marketing para isso. Sou o que sou”

tas com o Cuca? Quem comeu mais carne e quem gastou mais?

O Cuca pagou a aposta e, por conta da expulsão no jogo contra a LDU, vai bancar outro churrasco. Eu não paguei. Nem vou. Não apostamos mais. Aquela já bastou. Foi no momento certo. Acho que não virão mais apostas.

De forma geral, todo mundo tem elogiado seu futebol. Como você consegue manter-se centrado, sem deixar o sucesso subir à cabeça?

As pessoas que trabalham comigo me ajudam muito. Meu empresário, minha família, meus amigos. Eles sempre me cobram humildade. O mais legal é olhar para trás e ver minha trajetória. Ponho

panha beneficente em prol dos idosos?

Fui criado por minha avó e meu avô. Minha mãe trabalhava fora. E meu assessor sabia disso. Na empresa em que ele trabalha, a Pizza Hut, estavam fazendo um projeto relacionado a idosos. E terminei virando o padrinho. Mais de 300 procuraram e se inscreveram. E, agora, muitos já estão trabalhando. A cada quatro meses, faço uma visita a eles. Fui em fevereiro. Reuniram todos os idosos na Pizza Hut da Marginal. E eu fui. É um tratamento bacana.

Algumas pessoas disseram que isso era para minimizar a imagem de indisciplinado que você tinha. Procede?

Não estou preocupado com minha imagem. Ela vai mudar onde começa: dentro de campo. Não preciso de marketing para isso. Sou o que sou. No futuro, se eu me envolver em alguma confusão, vão voltar a falar tudo de novo. E não é o projeto que vai modificar isso. Quis fazer essa campanha simplesmente porque é legal. Se o intuito fosse marketing, iria fazer outras mil coisas. Não preciso disso.

As conversas com a psicóloga continuam rolando ou já pararam? Em que ponto o ajudaram?

Foi e está sendo muito importante fazer esse trabalho. Continuo fazendo. Acho que muitos jogadores precisam disso. Se fossem, iriam melhorar. Não é só porque eu tive alguns problemas com cartão que tenho de fazer. Está me ajudando em outras áreas da minha vida. Dá motivação, relaxa, me faz pensar mil coisas.

O time joga em função do Luís Fabiano?

Não. O time tem seu jeito de atuar. Cada um sabe o que faz e eu me enquadro no esquema. Eu jogo para o time, e não o contrário. Se fosse assim, passando do meio-de-campo, todos iriam me procurar. Mas não acontece isso. Os outros têm qualidade para fazer a equipe andar. O São Paulo não depende exclusivamente de mim. Mas acredito que, na maioria das vezes em que o time precisa, apareço.

A parceria com o Grafite não está precisando deslanchar?

A cada dia, melhora mais. Todos sabem que é difícil começar a jogar com um atleta e, em um mês, ter o conhecimento necessário. Leva tempo saber onde o cara está e para que lugar vai correr. O Reinaldo e eu também tivemos esse período de adaptação. O Grafite tem tudo para ser um grande parceiro. É bem parecido com o Reinaldo. Em tudo. A parceria está boa. Mas pode melhorar ainda mais.

Jogar no Morumbi lotado é estar em casa à vontade, de bermuda e chinelo, ou não é bem assim?

Em todo lugar que tem são-paulino, me sinto à vontade. O carinho que eles têm por mim é impressionante. Principalmente a molecada. É uma coisa que vou levar para o lugar que for.

Você fica preocupado em dar o bom exemplo a essa molecada?

Acredito que muitos sigam meus passos, o que eu faço. Por isso, tenho de dar o bom exemplo, sim.





Alexandre



Rodrigo





Por onde

Tricolor de corpo e alma

FOTOS REPRODUÇÃO

Alfredo Ramos: sempre presente às convocações das seleções paulista e brasileira

Por Fernando Savaglia

A cena repetiu-se inúmeras vezes nos anos 50. Em disputas aéreas, um são-paulino alto e magro esticava-se inteiro a fim de dominar a bola, curiosamente, com os pés. Para isso, abusava da extrema categoria e habilidade que possuía, mas também de sua enorme elasticidade. Aliás, em virtude dela, recebeu o apelido de Polvo. Suas pernas compridas e flexí-

veis se movimentavam como se fossem tentáculos.

Alfredo Ramos nasceu em Jacareí em 27 de outubro de 1924. Entretanto, começou no time do São Martinho, da cidade de Tatuí. Emprestado ao Clube Atlético Linense, para a disputa de um amistoso com o Santos em 1944, anulou o craque Antoninho.

A atuação daquele jovem talento foi tão boa que lhe garantiu uma vaga na equipe

aspirante do Peixe. Sua estréia ocorreu três dias depois contra a Portuguesa santista, na Vila Belmiro. "Ainda hoje guardo na minha mente aquele jogo à noite, os refletores, a grama clareada pela luz. Dei tudo de mim e acabei ficando por lá", narra Alfredo Ramos, que, na oportunidade, jogou como volante.

Sua excelente performance no estadual de 1948 despertou o interesse de outras

Um dos maiores laterais-esquerdos do Brasil, **ALFREDO RAMOS** jogou em três grandes clubes do Estado de São Paulo. Não nega, porém, que seu coração é vermelho, branco e preto

agregações. A propósito, seu time naquele certame, o Alvinegro praiano, foi vice-campeão, ficando dois pontos atrás do São Paulo.

Após um longo namoro com o Tricolor, mudou de ares em 1950. Finalmente juntou-se à equipe cujo apelido era "Rolo Compressor" – sim, aquele esquadrão que ganhou cinco títulos paulistas na década de 40. "Tive de disputar posição com três monstros do futebol:

Bauer, Rui e Noronha, a maior linha média que já existiu no Brasil e, talvez, no mundo.”

O técnico Vicente Feola o efetivou, em 1951, no lugar do já veterano Noronha. “Nessa época, joguei de lateral-esquerdo e direito, volante e quartozagueiro. Também atuei de meia-direita em uma partida, válida pelo Rio-São Paulo, diante do Fluminense. Eu tinha facilidade em me adaptar”, lembra o polivalente ex-jogador.

MAJESTOSO NO ASFALTO

Alfredo Ramos sagrou-se campeão paulista pelo São

Paulo em 1953. A fantástica campanha teve 24 vitórias, dois empates e apenas duas derrotas. “Jim Lopes (*técnico*) nos deixava à vontade e o elenco não exigia grandes preleções. O Pé de Valsa, o Bauer e eu jogávamos por música.”

Apesar de não ser naqueles tempos uma característica de atletas da posição em que atuava, ele apoiava o ataque sempre que podia. “O Nilton De Sordi ficava defendendo pela direita e eu atacava pela esquerda.”

Em grande fase, foi com a seleção brasileira para a Copa

do Mundo de 1954, na Suíça. Reserva de seu amigo Nilton Santos, o ex-lateral lança uma questão com muito bom humor: “Se ele era o melhor do mundo, eu, como seu reserva, posso me considerar o segundo? Deixo essa pergunta no ar”.

Depois de sete anos de casa e ótimos serviços prestados, teve seu passe vendido ao Corinthians. No arqui-rival, foi pivô de uma das passagens mais curiosas do futebol do Estado. No dia 20 de outubro de 1957, o São Paulo e a equipe do Parque São Jorge se enfrentaram

treinador do time. “Nunca quis ser técnico, mas aceitei por ser o mais velho e ter amizade com todos.”

Passou, em seguida, pelo Nacional da capital paulista antes de brilhar no Paraná, onde tornou-se o “Feiticeiro” por causa do sucesso do Atlético. Nesse período, final da década de 60, o clube enfrentava uma crise financeira das bravas. “A situação era tão crítica que Passerino Moura, presidente atleticano, me disse que ficaria satisfeito se eu conseguisse evitar o rebaixamento, mas ganhamos o título de 1970.”

Como técnico, retornou ao São Paulo em 1972 e conseguiu



Na época em que assumiu o cargo de técnico do time do Morumbi

ALFREDO RAMOS

Apelido: Polvo

Jogos disputados pelo SPFC: 285

Data de entrada: 01/01/1950

Data de saída: 05/07/1957

Gols marcados pelo SPFC: 3

Nascimento: 27/10/1924

Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 53 (como jogador) e Vice-campeão Paulista de 72 (*como técnico*)

Outros clubes em que atuou: Santos e Corinthians

“O Jim Lopes (*técnico da equipe*) nos deixava à vontade e o elenco não exigia grandes preleções. O Pé de Valsa, o Bauer e eu jogávamos por música”

pelo primeiro turno do Paulistão - sem deixarem de lado a rivalidade típica do duelo, o centroavante Gino, do Tricolor, e o meia Luisinho, do Alvinegro, ofenderam-se durante todo o jogo. Numa dividida com o atacante Maurinho, Alfredo fraturou a perna.

O lateral recebeu a visita de seus ex-companheiros do São Paulo em casa três dias após o ocorrido. Quando a delegação estava saindo, foi surpreendida no portão pelos corintianos. Os jogadores protagonizaram uma batalha campal em frente à residência de Alfredo, além de trocarem “elogios”. “Da cama em que eu estava, não conseguia ver nada. Só pude ouvir a confusão. Foi o Majestoso no asfalto”, diverte-se, referindo-se ao apelido dado ao clássico pelo jornalista Tomás Mazzoni na década de 40.

NO COMANDO TÉCNICO DO SÃO PAULO

Ele pendurou as chuteiras em 1961, no próprio Corinthians. Na seqüência, assumiu o cargo de

um brilhante segundo lugar no Paulistão - a equipe permaneceu invicta durante o campeonato, ficando um ponto atrás do Palmeiras. Alfredo ainda treinou o Botafogo de Ribeirão Preto e a Ponte Preta.

Desde que deixou os gramados, o ex-lateral foi sócio de uma construtora e proprietário de um supermercado. Hoje, aos 79 anos, dedica-se a seus seis netos, faz caminhadas por seu bairro e pratica Liang Gong, uma ginástica chinesa que tem como objetivo proporcionar bem-estar físico, emocional e mental.

Embora tenha entrado para a história de três grandes clubes de São Paulo, Alfredo não esconde que seu coração é vermelho, branco e preto. “Considero o Tricolor minha segunda casa. Afora ter um filho trabalhando no clube (*Amilton Ramos, preparador físico das divisões de base*), meu casamento foi celebrado por Monsenhor Bastos (*um dos fundadores do time*). Mais são-paulino que isso, impossível.”

→ O expressinho do **SÃO PAULO** fez bonito contra o União Barbarense no Morumbi. A equipe tricolor bateu o time do interior por 4 a 0

PAULISTÃO 2004



São-paulinos fazem a festa no Paulista: na primeira fase, campanha irrepreensível

São Paulo 3 X 0 Atl. Sorocaba

6º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício, Danilo (Souza) e Marquinhos (Jean Carlos); Luís Fabiano e Grafite (Diego Tardelli) • **Técnico:** Cuca

ATLÉTICO SOROCABA

Wendel; Dobrada, Alemão, Samir e Rogerinho (Budi); Douglas, Alexandre Dorta, Luizinho Vieira e Marcinho (Claiton); Luciano Henrique e Dinei (Ricardo Xavier) • **Técnico:** João Martins

Gols: Luís Fabiano aos 17min do primeiro tempo; Souza aos 9min e Marquinhos aos 14min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Rogerinho e Dobrada • **Data:** 21/02 • **Juiz:** Eduardo César Coronado Coelho • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Rio Branco 1 X 2 São Paulo

7º JOGO

RIO BRANCO

Adilson; Lê, Luiz Carlos, Maxsandro e Ozéia (Everton); Rafael, Milton Goiano, Almir e Jonas (Carlos Eduardo); Thiago Ribeiro e Rivaldo (Juliano) • **Técnico:** Júlio Espinosa

SÃO PAULO

Rogério; Cicinho, Fabão, Rodrigo (Diego Lugano) e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício, Marquinhos (Souza) e Fábio Santos (Danilo); Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Grafite aos 18min, Rivaldo aos 31min e Marquinhos aos 41min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Cicinho e Alexandre • **Juiz:** Philippe Lombard • **Data:** 29/02 • **Local:** Estádio Décio Vitta, Americana (SP)

São Paulo 4 X 0 U. Barbarense

8º JOGO

SÃO PAULO

Roger; Gabriel (Cicinho), Fabão, Diego Lugano e Fábio Santos; Alexandre, Fábio Simplício, Gustavo Nery (Danilo) e Souza; Diego Tardelli e Jean (Vélber) • **Técnico:** Cuca

UNIÃO BARBARENSE

Wilson Junior; Wilson Batata, Marcone, Murilo e Jorginho; Cleber Orleans, Felipe, Fernando e João Marcelo (Vitor); Wesley Brasília e Marco Aurélio (Marcos Alexandre) • **Técnico:** Sérgio Farias

Gols: Diego Tardelli aos 32min e Gustavo Nery aos 42min do primeiro tempo; Souza aos 38min e aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Simplício, Cicinho e Fabão; Wilton Batata • **Juiz:** Edilson Pereira de Carvalho • **Data:** 07/03 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

→ As equipes que disputarão a **SEGUNDA DIVISÃO** do Campeonato Paulista de 2005 são o Juventus e o Oeste



Grafite: dois gols diante do Juventus

Juventus 1 X 2 São Paulo

9º JOGO

JUVENTUS

Willians (Fernando); Itabuna, Ivan, Fábio Lima (Elisandro) e Luís Henrique; Edmilson, Daniel, Serginho e Terrão (Joilson); Wellington Paulista e Valdo • **Técnico:** Roberto Brida

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Rodrigo, Diego Lugano e Fábio Santos; Adriano, Souza (Danilo) e Marquinhos; Grafite (Diego Tardelli), Luís Fabiano e Jean • **Técnico:** Cuca

Gols: Grafite aos 32min e aos 43min do primeiro tempo; Terrão aos 13min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Fábio Santos • **Juiz:** Sálvio Espínola Fagundes Filho • **Data:** 14/03 • **Local:** Estádio Anacleto Campanella, São Caetano do Sul (SP)

O São Paulo terminou a primeira fase do estadual como líder absoluto do grupo um. O time sobrou em campo e somou 25 pontos

São Paulo 0 X 2 São Caetano

10º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Rodrigo, Fabão e Fábio Santos (Jean Carlos); Alexandre, Fábio Simplício, Souza (Marquinhos) e Gustavo Nery; Grafite (Vélber) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

SÃO CAETANO

Sílvio Luís; Thiago, Gustavo e Serginho; Anderson Lima, Marcelo Matos, Mineiro, Marinho (Lúcio Flávio) e Gilberto; Warley (Euller) e Fabrício Carvalho (Fábio Santos) • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Fabrício Carvalho aos 36min do primeiro tempo e aos 12min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabão, Fábio Simplício, Grafite, Luís Fabiano e Rodrigo; Anderson Lima, Fabrício Carvalho e Serginho • **Cartões vermelhos:** Fabão e Luís Fabiano; Fábio Santos • **Juiz:** Luís Marcelo Vicentin Cansian • **Data:** 21/03 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Amistoso

Avaí 0 X 6 São Paulo

AVAÍ

Gilberto (Pitarelli); Edilson, Jean Elias, Teio (Marcelo) e Possado; Bidu, Kell, Carlinhos (Eder) e Marquinhos Paraná; Chico e Joelson (Toni) • **Técnico:** Marcos Paqueta

SÃO PAULO

Rogério Ceni (Flávio); Cicinho, Fabão, Rodrigo e Fábio Santos (Jean); Adriano (Gabriel), Fábio Simplício, Marquinhos (Souza) e Gustavo Nery (Diego Lugano); Grafite (Vélber) e Luís Fabiano (Danilo) • **Técnico:** Cuca

Gols: Fabão aos 15min e Gustavo Nery aos 32min do primeiro tempo; Cicinho aos 5min, Jean Elias (contra) aos 28min, Gabriel aos 38min e Souza aos 46min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jean Elias, Bidu e Toni; Adriano • **Juiz:** Luís Orlando de Souza • **Data:** 12/04 • **Local:** Estádio da Ressacada, Florianópolis (SC)



Marquinhos reencontra a equipe que o revelou: Avaí

→ Contra a LDU, o **TRICOLOR** espantou o fantasma que rondava o Morumbi aos 28 minutos do segundo tempo por meio de Luís Fabiano

LIBERTADORES 2004



Rogério Ceni: certeza de ótimas defesas no torneio continental

São Paulo 3 X 1 Cobreloa

2º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Fábio Santos; Alexandre, Fábio Simplício, Marquinhos (Danilo) e Gustavo Nery (Souza); Grafite (Jean) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

COBRELOA

Tapia; González, Fuentes, Guidi e Perez; Juan Luís González, Cornejo, Cisternas (Lopez) e Darío Fernandez (Galaz); Daniel Pérez (Vergara) e Villanueva • **Técnico:** Fernando Díaz

Gols: Luís Fabiano aos 2min e Fuentes (contra) aos 11min do primeiro tempo; Cicinho (contra) aos 2min e Luís Fabiano aos 48min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Rodrigo, Cicinho e Alexandre; Pérez e Vergara • **Cartão vermelho:** Fuentes • **Juiz:** Carlos Torres • **Data:** 26/02 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

LDU 3 X 0 São Paulo

3º JOGO

LDU

Jacinto Espinoza; Carlos Espínola, Santiago Jácome e Giovanni Espinoza; Neicer Reasco, Alfonso Obregón, Urruida, Alex Aguinaga (González) e Ambrosi; Murillo (Salas) e Juan Angel Paredes (Villagra)

Técnico: Jorge Fosatti

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Fábio Santos (Souza); Alexandre, Fábio Simplício (Diego Tardelli), Marquinhos (Danilo) e Gustavo Nery; Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Paredes aos 39min e Espinoza aos 45min do primeiro tempo; Urruida aos 36min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Murillo; Gustavo Nery e Luís Fabiano • **Juiz:** Héctor Baldassi • **Data:** 04/03 • **Local:** Estádio Casa Blanca, Quito (EQ)

São Paulo 1 X 0 LDU

4º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Fábio Santos; Alexandre, Fábio Simplício (Diego Tardelli), Souza (Danilo) e Gustavo Nery; Grafite (Marquinhos) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

LDU

Jacinto Espinoza; Espínola, Jácome e Giovanni Espinoza; Reasco, Obregón, Urrutia, Aguinaga (Gonzalez) e Ambrosi; Murillo (Villagra) e Salas (Paredes) • **Técnico:** Jorge Fosatti

Gol: Luís Fabiano aos 28min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Cicinho, Fábio Santos e Rodrigo; Aguinaga e Obregón • **Juiz:** Gabriel Brazenas • **Data:** 10/03 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

1º TEMPO

1' PRA CIMA

Luís Fabiano parte, mas o goleiro se antecipa

11' AMARELOU

Cicinho deixa Jácome para trás, mas cai na área e pede pênalti. O juiz lhe dá amarelo

15' SANTA TRAVE

Grafite dribla o goleiro, chuta fraco e acerta o poste

20' FULMINANTE

Grafite carimba a trave equatoriana

34' SEGURA ESSA

Fabão bate falta da intermediária. E o goleirão Espinoza põe para escanteio

2º TEMPO

16' UFA

De fora da área, Grafite solta a bomba. A bola tira tinta da trave

25' UFA

Diego Tardelli chuta. O goleiro rebate. Luís Fabiano vai para cima, mas a zaga tira

28' PINTURA

Cicinho toca para Luís Fabiano. O goleiro sai e o craque tricolor manda por cima

30' PRESSÃO

Marquinhos experimenta de longe. Espinoza põe para escanteio

38' PRESSÃO II

Luís Fabiano quase derruba o travessão equatoriano com um petardo

➔ **Contra o Cobreloa, GRAFITE fez boa partida. Além de marcar gol, deu ótimos passes. Mas foi expulso ao breicar contra-ataque adversário**

Cobreloa 1 X 2 São Paulo

5º JOGO

COBRELOA

Ortega; Lopez, Fuentes, Guidi e Boris González; Juan González, Morán (Darío Fernández), Dinamarca e Esteban Gonzalez (Daniel Perez); Galaz e Villanueva (Estigarribia) • **Técnico:** Fernando Diaz

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery (Diego Lugano); Alexandre, Fábio Simplício (Danilo), Marquinhos (Adriano) e Fábio Santos; Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Grafite aos 15min, Marquinhos aos 23min e Dinamarca aos 26min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Dinamarca, Lopez e Juan Gonzalez; Gustavo Nery, Fabão, Adriano e Rogério Ceni • **Cartão vermelho:** Grafite • **Juiz:** Ricardo Grance • **Data:** 24/03 • **Local:** Estádio Municipal, Calama (CHI)

São Paulo 3 X 1 Alianza Lima

6º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Rodrigo e Fábio Santos (Diego Lugano); Cicinho, Adriano, Fábio Simplício, Gustavo Nery e Marquinhos (Danilo); Jean (Vélber) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

ALIANZA LIMA

Butrón; Salas, Vilchez, Arakaki e Hidalgo; Ciurlizza (Soto), Jayo, Cruzado (Virgílio) e Olcese; Roberto Silva e Farfán (Aguirre) • **Técnico:** Gustavo Costas

Gols: Roberto Silva aos 24min e Marquinhos aos 38min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 45s e aos 25min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Rodrigo; Hidalgo, Salas e Virgílio • **Juiz:** Héctor Baldassi • **Data:** 07/04 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio Morumbi, São Paulo (SP)

Campeonato Brasileiro 2004

São Paulo 1 X 0 Atlético-PR

1º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho (Gabriel), Fabão, Rodrigo e Fábio Santos (Vélber); Alexandre, Fábio Simplício, Gustavo Nery e Marquinhos; Grafite (Danilo) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

ATLÉTICO-PR

Diego; Igor, Marinho e Alessandro Lopes (Fabrício); William, Ramalho, Alan Bahia, Jadson e Marcão; Ilan e Dagoberto • **Técnico:** Júlio Piza

Gol: Gustavo Nery aos 43min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Rodrigo, Grafite e Alexandre; Dagoberto, Alan Bahia, William, Ilan e Alessandro Lopes • **Cartões vermelhos:** Marquinhos e Vélber • **Juiz:** Djalma José Beltrami Teixeira • **Data:** 22/04 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

O São Paulo estreou no nacional com uma vitória suada sobre o Atlético-PR. Gustavo Nery (ao lado com Fábio Simplício) soltou a bomba que garantiu os pontos para o time do Morumbi

Criciúma 1 X 1 São Paulo

2º JOGO

CRICIÚMA

Fabiano; Ageu (Rafael), Ronaldo, Luciano e Luís Paulo; Gleidson, Cleber Gaúcho, Geninho (Reinaldo) e Athos; Douglas (Marcos Dener) e André Leonel • **Técnico:** Vagner Benazzi

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Danilo (Souza); Alexandre, Fábio Simplício (Fábio Santos), Adriano (Diego Lugano) e Gustavo Nery; Grafite e Jean • **Técnico:** Cuca

Gols: Gustavo Nery aos 10min do primeiro tempo; Rafael aos 32min do segundo tempo • **Cartões Amarelos:** Athos e Reinaldo; Jean e Grafite • **Juiz:** Edilson Soares da Silva • **Data:** 25/04 • **Local:** Estádio Heriberto Hulse, Criciúma (SC)



Futebol de mesa

Os programas de debate sobre futebol começaram a invadir as telas brasileiras na década de 60 e, através dos anos, passaram a ocupar um espaço cada vez maior. A REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO levantou algumas histórias curiosas sobre o "tema" e conta agora

Por Fernando Savaglia

Que brasileiro é apaixonado por futebol, todo mundo sabe. Há quem exagere e diga que somos 170 milhões de técnicos. Mas, definitivamente, falar sobre as partidas do time do coração com os amigos, às vezes descambando para calorosas discussões, já faz parte da cultura nacional. Afinal, para a maioria dos brasileiros, o futebol transcende o conceito de simples jogo. Essa paixão pode ser comprovada por meio da quantidade de programas de debates, no estilo mesa-redonda, que existem na TV hoje. Apenas no Estado de São Paulo, entre canais abertos e fechados, são mais de dez. Os primeiros surgiram na telinha no início da década de 60, período em que os aparelhos de televisão passaram a ser o maior sonho de consumo de nossa população. Dez anos depois de sua

primeira transmissão pela Rede Tupi, em São Paulo, em setembro de 1950, o Brasil contava com 760 mil televisores.

A diversidade de espetáculos (que iam de programas mais intelectualizados – como o *TV de Vanguarda*, apresentado por Cassiano Gabus Mendes –, a musicais, noticiários, novelas e até lutas tele-catch) marcou os anos 60. Em meio a essa enxurrada de informações, apareceu, em 1964, na extinta TV Rio, *A Grande Resenha Facit*, debate semanal que contava com a ilustre participação de pesos pesados da crônica carioca, como Nelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira, Vitorino Vieira e Luís Mendes, entre outros. O programa, que era gravado e transmitido em videoteipe, é apontado por muitos como o primeiro em que os integrantes assumiam publicamente quais eram seus clubes do co-

ração. "Assistia ao *Resenha Facit* quando ia de férias para o Rio de Janeiro. As discussões eram muito inteligentes e tinha até um divertido personagem conhecido como o 'Marinheiro Sueco', que era um pesquisador de futebol inventado pelo pessoal da mesa, cujo nome verdadeiro era Hans Hennigsen", lembra Juca Kfour, atualmente apresentador do *Cartão Verde*, da Cultura.

Em São Paulo, dois anos depois, durante a Copa de 1966, que ocorreu na Inglaterra, surgiu na Record *Na Boca do Tigre*, programa produzido por Silvio Luiz que contava com a participação de Paulo Planet Buarque, Orlando Duarte, Álvaro Paes Leme, Wilson Brasil e Roberto Petri, entre outros. Apresentado por Raul Tabajara, o debate era transmitido ao vivo direto do auditório da emissora, que se situava na rua da Consolação.



Flávio Prado (em pé) também participou da mesa-redonda *Futebol é com o Onze*



Milton Neves: primeiro no rádio, depois na TV

Mesas-redondas



DIVULGAÇÃO/GAZETA



DIVULGAÇÃO/RECORD



Juca Kfour:
fã da *Resenha Facit*

RUBENS CHIRI

POLÊMICA X AUDIÊNCIA

Para muitos profissionais da imprensa esportiva, polêmica pode até representar alguns pontos a mais no ibope, mas com ressalvas. "A polêmica, quando existe naturalmente, ajuda a prender a atenção. Mas debater não quer dizer brigar, pode ser uma divergência de idéias," garante Roberto Avallone, hoje à frente do *Bola na Rede*, da Rede TV – aliás, ele é um recordista como apresentador de mesas: 18 anos.

Na opinião de Juca Kfourri, a polêmica gratuita pode trazer audiência, mas não respeitabilidade. "A armadilha é que as pessoas acabam não levando os jornalistas a sério. A função do profissional não é encarar o futebol como papo de torcedor."

Na visão de Milton Neves, as controvérsias geradas nos debates ajudam a prender a atenção dos telespectadores. "O *Super Técnico* era um excelente programa. Mas a participação única e exclusiva de técnicos, que raramente criticavam os clubes, e a falta de um outro jornalista para polemizar geravam comentários de que o programa era lento."

Outro assunto que gera controvérsia é a velha discussão sobre cronistas esportivos assumirem ou não seus clubes favoritos. Nesse sentido, a esmagadora maioria dos profissionais consultados para esta reportagem parece chegar a um consenso: jornalista tem o direito de torcer, desde que não perca a imparcialidade na hora de analisar os fatos.

"A pessoa ter um clube de coração não atrapalha. Assim como não há necessidade de dizer se não for perguntado. O que não pode acontecer é o profissional se transformar em marqueteiro do clube de futebol", argumenta José Maria de Aquino, hoje participante do *Arena SporTv*. Por sua vez, Juca Kfourri revela um aspecto curioso que afeta boa parte da crônica esportiva, principalmente os que trabalham diretamente com futebol. "No meu caso, por exemplo, as torcidas dos outros times me assediam porque sou corintiano e os torcedores do Corinthians me criticam por eu ser muito severo com o clube." Kfourri garante ainda que, com o tempo, o jornalista passa a torcer pelas pessoas do esporte que admira independente de times prediletos. Certa vez, ao ser indagado por Milton Neves sobre esse assunto, o veterano Armando Nogueira disparou: "Cronista esportivo não só pode como deve torcer, pois o que não tiver time tem de ser setorista de ensaio de ópera."

O LORDE E AS FERAS

Segundo o jornalista Roberto Petri, que hoje comanda o *Esporte Polêmica*, na CBI, sempre foram realizadas excelentes mesas-redondas na capital paulista. "Tivemos as comandadas por Aurélio Campos e por Walter Abrahão. Não eram muito fixas, mas sempre existiram." Veiculado na Tupi diariamente na hora do almoço, o *Redação Esportestinha* Walter Abrahão à frente e contava com Sérgio Backlanos,

Eli Coimbra, Gerdi Gomes e Geraldo Bretas, considerado um dos mais controversos cronistas esportivos paulistas. "O Bretas era um figuraça. Tinha uma vozinha estridente e era muito implicante", ressalta Petri ao falar do companheiro cujo estilo polêmico diz admirar.

No início dos anos 70, foi concebida uma mesa-redonda que marcou toda uma geração de pessoas - apaixonadas por fu-

tibol - que hoje estão próximas dos 40 anos. Batizado de *Futebol é com o Onze*, o debate era conduzido por Milton Peruzzi (cujo sobrenome verdadeiro era Peruzzo), que, para muitos, foi o maior apresentador de mesas-redondas de todos os tempos.

De maneira bem-humorada, ele gostava de contar que seu envolvimento com o jornalismo acontecera na adolescência, quando uma ventania teria ati-

rado em seu rosto uma página pertencente ao suplemento esportivo de um jornal. O cronista creditava a esse misterioso e cinematográfico evento a opção pela carreira atrás das máquinas de escrever e dos microfones. Anos depois, já como setorista, não media esforços para conseguir boas reportagens. Ficou famoso seu expediente de esconder-se em armários de vestiários de estádios para flagrar fatos

MESAS-REDONDAS DE SANGUE LATINO

Tão apaixonados por futebol quanto os brasileiros, italianos e espanhóis transformaram dois programas de debates esportivos em campeões de audiência em seus respectivos países. Na Itália, o *Noventissimo Minuto*, exibido pela RAI, faz sucesso aos domingos. Já o predileto dos espanhóis é o *Estúdio Estádio*.

DIVULGAÇÃO/REDE TV



Avallone (em pé): 18 anos de experiência em debates televisivos

"Cronista esportivo não só pode como deve torcer, pois o que não tiver time tem de ser setorista de ensaio de ópera"

ARMANDO NOGUEIRA



NA TV

- **ARENA SPORTV** (SporTV), apresentação de Cleber Machado - de segunda a sexta, às 14 horas
- **BATE-BOLA** (ESPN Brasil), apresentação de Soninha - de segunda a sexta, às 19 horas
- **BEM, AMIGOS!** (SporTV), apresentação de Galvão Bueno - de segunda-feira, às 21 horas
- **BOLA NA REDE** (Rede TV), apresentação de Roberto Avallone - domingo, às 20h15
- **CARTÃO VERDE** (TV Cultura), apresentação de Juca Kfourri - quinta-feira, às 22h30
- **DEBATE BOLA** (TV Record), apresentação de Milton Neves - de segunda a sábado, às 12h15
- **ESPORTE POLÊMICA** (CBI), apresentação de Roberto Petri - terça-feira, às 13 horas
- **ESTAÇÃO FUTEBOL** (Rede Vida), apresentação de Edgard Soares - segunda-feira, às 22 horas
- **FALA TORCEDOR** (Canal 21), apresentação de Juez Soares - sábado, às 12 horas
- **LINHA DE PASSE** (ESPN Brasil), apresentação de Milton Leite - segunda-feira, às 21 horas
- **MESA REDONDA FUTEBOL DEBATE** (TV Gazeta), apresentação de Flávio Prado - domingo, às 22 horas
- **ROCK GOL DE DOMINGO** (MTV), apresentação de Paulo Bonfá e Marco Bianchi - domingo, às 21h30
- **TERCEIRO TEMPO** (TV Record), apresentação de Milton Neves - domingo, às 22 horas

inusitados dos bastidores dos clubes. Usando a fórmula de seu bem-sucedido *Disparada nos Esportes*, programa diário de rádio campeão absoluto de audiência, a TV Gazeta passou a apresentar, nas noites de segunda-feira, *Futebol é com o Onze*. "Para mim, aquele era o melhor horário, pois, no domingo à noite, as pessoas assistiam ao videoteipe do jogo. Naquela época, não havia futebol ao vivo. Na segunda-feira, o cara via a novela e depois ligava na Gazeta", lembra Petri.

Esbanjando humor refinado e modos de lorde inglês, Peruzzi paradoxalmente liderava a mais histriônica das mesas-redondas, resgatando a fórmula da *Resenha Facit*, em que cada integrante era torcedor de uma equipe. A formação clássica - e

que mais tempo durou - contava com o são-paulino Roberto Petri (que sucedeu o jornalista José Silveira, outro tricolor), o santista Peirão de Castro e os corintianos José Italiano e Geraldo Blota. O Palmeiras era representado pelo próprio Peruzzi. "Apesar de palmeirense, meu pai comprou muitas brigas e inimizades no clube graças a críticas que fazia quando achava necessário. Ele sempre estava ao lado do torcedor", lembra Flávio Peruzzi, filho do saudoso jornalista que, sempre que podia, acompanhava o pai na cobertura dos mais variados eventos esportivos.

José Maria de Aquino e Dalmo Pessoa foram cronistas, entre outros, que também participaram da mesa e nunca declararam publicamente serem torcedores de qualquer um dos "grandes" da

ELAS VÊM CHEGANDO

Nos últimos anos, o Brasil presenciou um crescente interesse das mulheres pelo futebol. Hoje, basta uma rápida olhada nas arquibancadas em dia de jogo para que se constate, na prática, que o sexo feminino cada vez mais torce, opina e critica. Aqueles tempos em que elas acompanhavam futebol somente em Copas do Mundo estão definitivamente no passado. Se, nos anos 80, a repórter Regiane Ritter fez história ao participar do *Mesa Redonda Futebol Debate*, da Gazeta, atualmente a jornalista Sonia Francini, a Soninha, dá as cartas no *Bate-Bola*, programa exibido de segunda a sexta pela ESPN Brasil.

A participação "delas" em programas desse tipo, porém, ainda é tímida. Para a jornalista Marília Ruiz, do programa *Bola na Rede*, a imprensa esportiva é um ambiente predominantemente masculino. Mas em transformação. "Nasci assistindo às mesas-redondas de futebol. Adoro ir ao estádio e, mesmo quando estou de folga, costumo ir aos jogos. Acredito que o interesse das mulheres da minha geração pelo futebol está crescendo." Ela aponta ainda um indicador do crescente envolvimento das mulheres com o esporte. "Observo que muitas das minhas amigas que acompanham os namorados nos estádios não necessariamente torcem pelos times deles."



Peruzzi (à dir.) e Geraldo Blota: integrantes da inesquecível mesa futebol é com o Onze

PERUZZI

Depois de uma rápida passagem pela Record, no final dos anos 70, Peruzzi ainda apresentaria um programa diário na Gazeta, batizado de *Campeões da Bola*, que contava com a participação de Alfredo Borba, Oswaldo Sargentelli, Chico Lang e Luiz Noriega. Durante os anos 90, ele optou por se afastar em definitivo de câmeras e microfones. Faleceu no dia 21 de fevereiro de 2001.

APOSTA DIVERTIDA

O polêmico jornalista Geraldo Bretas se envolveu em uma das mais divertidas apostas de que se tem notícia na história da TV brasileira. Durante o Campeonato Brasileiro de 1973, o centroavante Mirandinha se destacava fazendo muitos gols pelo Tricolor. Bretas apostou que o são-paulino seria incapaz de fazer um único gol na defesa palmeirense, orquestrada por Luiz Pereira – um dos melhores zagueiros do futebol brasileiro na época –, na partida que se realizaria em 24 de novembro daquele ano. O desafio foi feito em rede nacional, no programa de TV *Clube dos Artistas*, de Ailton e Lolita Rodrigues, com a participação de Mirandinha e Luiz Pereira. Ficou assim combinado: se Mirandinha furasse o bloqueio palmeirense, Bretas raparia a cabeça no mesmo programa, dali alguns dias; do contrário, caberia a Mirandinha vestir a camisa do rival, visão que provocava arrepios nos são-paulinos mais fanáticos. No fatídico domingo, o atacante tricolor, por duas vezes, venceu a defesa adversária, com Luiz Pereira e todo mundo. Restou a Bretas, que, diga-se de passagem, promoveu brilhantemente o clássico, rapar a cabeça em rede nacional.

“Gostava de provocar o Peruzzi, dizendo que o Palmeiras era freguês do São Paulo e que o Pedro Rocha era mais jogador que o Ademir da Guia”

ROBERTO PETRI

capital. “Quando você se envolve tanto com o futebol, a paixão clubística acaba arrefecendo”, garante Dalmo, que se diz torcedor do Noroeste de Bauru, além de declarar certa simpatia à Portuguesa de Desportos. O programa ainda revelaria ao público personalidades hoje consagradas, como Galvão Bueno, Jota Jr. e Flávio Prado.

E TUDO ACABOU EM PIZZA

Alguns debates, em virtude de discussões inflamadas entre os participantes, estendiam-se por horas. Mas, mesmo assim, prendiam a atenção dos telespectadores. “Por ser um ambiente em que cada um torcia para um time, os debates eram o forte do programa. Aquele que se sentia criticado defendia seu time com unhas e dentes”, relembra Flávio Prado, apresentador do *Futebol Debate* – exibido nas noites de domingo pela Gazeta –, que aponta Peruzzi como um de seus grandes mestres.

Outro que fazia parte da mesa, Roberto Petri conta que às vezes, quando o programa começava a ficar “morno”, alguém resolvia soltar uma polêmica. “O Zé Italiano disparava que Rivellino era melhor que Pelé. O Peirão de Castro dava cada grito que o cara que estava na sala dormindo pulava do sofá. Essas discussões poderiam durar horas. Os telespectadores ficavam até o final para ver o resultado”, afirma Petri. “Gostava de provocar o Peruzzi, dizendo que o Palmeiras era freguês do São Paulo e que o Pedro Rocha era mais jogador que o Ademir da Guia.”

Peruzzi acabou criando também algumas expressões que extrapolaram os domínios do futebol. A origem da mais famosa delas deu-se no final de 1968, quando, escalado para cobrir uma reunião do conselho deliberativo do Palmeiras, pelo jornal *A Gazeta Esportiva*, pre-

parou-se para uma verdadeira batalha campal. Apesar das brigas realmente terem acontecido, para sua surpresa tudo acabou de maneira amistosa em uma pizzaria próxima ao Parque Antártica. O jornalista, que deveria enviar uma manchete à redação que estamparia a primeira página do diário no dia seguinte, não teve dúvida: “Tudo terminou em pizza”. Mas como ficariam as discussões no próprio programa? Afinal, os embates, repletos de gritos que abusavam dos decibéis, eram verdadeiros? “As pessoas me perguntavam se aquilo não era ensaiado. As discussões, as cadeiradas, tudo era espontâneo. Quando a coisa esquentava muito, meu pai tinha que pedir o comercial. Mas as brigas nunca saíam do estúdio”, garante Milton Peruzzi Jr, filho mais novo do apresentador. Para Milton Neves, o seu *Debate Bola*, que vai ao ar na hora do almoço pela Record, tem um pouco da lendária mesa-redonda da Gazeta. “Brinco, às vezes, pedindo que falem dois por vez, porque, quando há cinco pessoas falando ao mesmo tempo, ninguém entende nada.”

O clima explosivo do programa também pode ser medido por meio das palavras de outros integrantes, como o jornalista Geraldo Blota. “Uma vez, discuti com o Peirão e acabei me exaltando tanto que joguei a cadeira no chão. Eu tinha o pavio muito curto. O Próprio Peirão veio atrás de mim para me acalmar. Acabamos fazendo as pazes e chorando no estacionamento da Gazeta. A gente era um pouco passional demais (*risos*)”, diverte-se o veterano repórter ao lembrar um dos incidentes mais marcantes da história do programa.

Milton Neves considera o debate comandado por Peruzzi a mais clássica mesa-redonda de futebol da TV brasileira de todos os tempos. “Nunca mais ninguém vai conseguir polêmica igual à que havia na época do Peruzzi”, opina.

Sócio-torcedor primeira classe

Que são-paulino nunca sonhou em acompanhar a delegação do Tricolor em um jogo, participar da concentração, ter o privilégio de conhecer os jogadores e a comissão técnica, pegar autógrafos e tirar fotos? Pois bem, para Herbert Assis Ikeda, de Brasília; e Brenno Endrigo Augusto, de São Paulo; ambos de 21 anos, o que parecia tão distante tornou-se realidade em março.

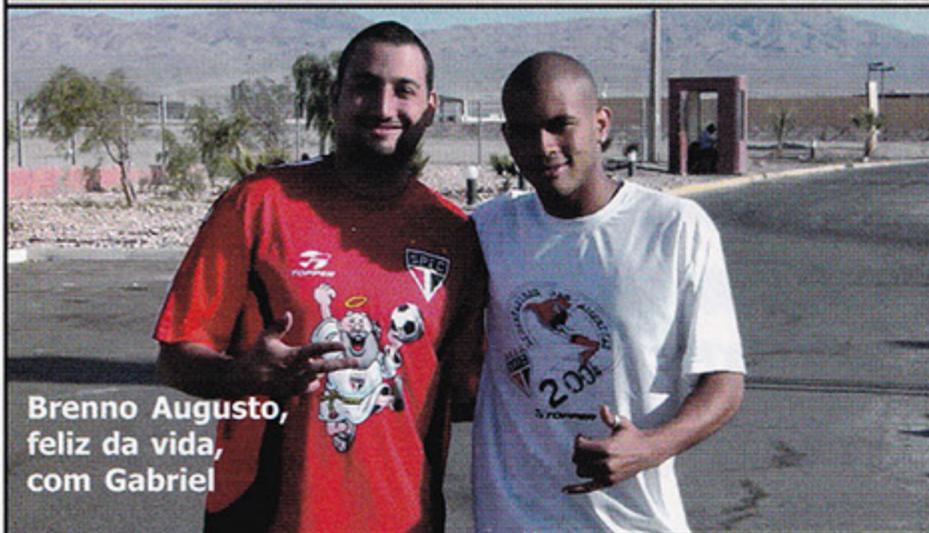
"Quando me ligaram dando a notícia, fiquei parado. Nem acreditei que era comigo. Só depois, no segundo telefonema, vi que era verdade mesmo e aí comecei a me preparar para viajar", disse Ikeda sobre o momento em que ficou sabendo do resultado.

Ele foi o primeiro sorteado e acompanhou o time do Morumbi na batalha diante da Liga Deportiva Universitaria, vencida pelos equatorianos por 3 a 0, nos 2.800 metros de altitude da cidade de Quito, no Equador, no dia 4. Já Brenno foi até Calama, no Chile, assistir de perto à vitória são-paulina por 2 a 1 contra o Cobreloa, em 24 do mesmo mês. As duas partidas foram válidas pela primeira fase da Taça Libertadores da América. No aeroporto de Guayaquil, a primeira surpresa. Ikeda teve de tomar cuidado para não ser confundido com os jogadores. "Quando a gente chegou ao Equador, entramos no ônibus e muitos torcedores acenavam para a gente como se eu fosse jogador. Até a imprensa veio para cima e eu dei entrevista também", contou. Mais tarde, no hotel, pôde conhecer melhor toda a delegação. "No jantar, senti como se fosse colega de todos de tão à vontade que me deixaram. Sentei à

mesa ao lado do Jean e do Souza". Estudante de sistemas de informação, Ikeda tomou conhecimento do Projeto Sócio-Torcedor, do qual é filiado desde fevereiro de 2003, por meio do site oficial do clube. "Sou torcedor do São Paulo há muito tempo, e o projeto me proporcionou muitas coisas. Essa viagem vai ficar marcada para o resto da minha vida."

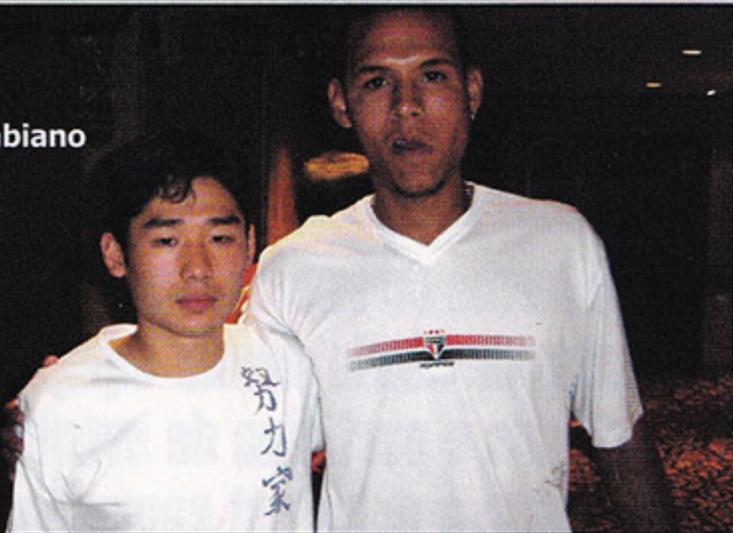
Brenno, o torcedor que foi a Calama, também não acreditou quando soube que viajaria com a delegação são-paulina. "Nem dava bola para a viagem. Para mim, estava bom demais ter a meia-entrada nos jogos no Morumbi, porque acompanho quase todos. Quando soube que fui o sorteado, fiquei boquiaberto", comemorou. Brenno, que também se passou por jogador e chegou a dar autógrafos antes da partida contra os chilenos, ficou admirado com a naturalidade do elenco. "A gente cresce vendo o nosso time do coração jogar e, quando temos a oportunidade de ter contato com os atletas e ver que eles são normais como a gente, é muito legal." Além de outros membros da comissão técnica, o torcedor assistiu à partida ao lado do atacante Vélber, que, nesse dia, não entrou em campo.

Essas são apenas algumas das muitas histórias que esses são-paulinos tiveram a oportunidade de compartilhar com jogadores e comissão técnica durante esses dois compromissos fora do Brasil. Foram sonhos que a promoção ajudou a realizar. "Agora, o que eu mais queria ver é o tricampeonato Mundial Interclubes do São Paulo, em Tóquio. Presenciar isso seria demais", revelou Brenno. **(Ana Paula Andrade)**



Brenno Augusto, feliz da vida, com Gabriel

Ikeda e Luís Fabiano



FOTOS DIVULGAÇÃO

Tricolor vai de Brahma

O São Paulo e a Brahma selaram, em 31 de março, acordo que prevê a comercialização de produtos da marca dentro do Estádio do Morumbi e na área social do clube com exclusividade. A Brahma repassará ao Tricolor porcentagem sobre as vendas realizadas, além de um valor fixo anual. A formalização da parceria ocorreu durante a inauguração do novo campo de grama sintética na área social do clube que foi instalado pela Soccer Grass, empresa especializada em pisos esportivos.

Morre Zaclis, ex-lateral tricolor

O ex-jogador tricolor Wlademar Zaclis faleceu em 23 de março. O atleta, que nasceu em 24 de agosto de 1918, em Bucareste, na Romênia, estreou no time de aspirantes do São Paulo em dezembro de 1938. No total, participou de 35 jogos pelo clube - sendo nove pela equipe principal e 26 pelo time de aspirantes - entre fevereiro de 1940 e janeiro de 1944. Durante esse período, mostrou sua ambivalência, atuando como lateral-esquerdo e direito em ambas as categorias.

Entre os melhores da Superliga de Vôlei

Novamente, coroando os investimentos feitos por meio dos trabalhos de parceria nos esportes amadores, o São Paulo marcou presença no pódio de mais uma importante competição. A equipe Ulbra/São Paulo, que conquistou o título de Campeã Paulista no final do ano passado, chegou à decisão da Superliga de Vôlei Masculino. Nas finais, o time de Canoas enfrentou os catarinenses da Unisul que, no sistema melhor de cinco partidas, venceram os três primeiros confrontos, levando assim o título da temporada. Jogadores da elite brasileira estiveram nas quadras representando as cores do clube. Vestiram a camisa tricolor nesta temporada Roberto Minuzzi, Rapha, Xanxa, Dentinho, Cristiano, Alan, Riad, Leandro, Renato Felizardo, Acácio, Bozko, Anderson e Evandro. Sob o comando do técnico Marcelo Franckowiack, o grupo foi vice-campeão brasileiro, ficando na frente de equipes de ponta como Telemig Celular/Minas, Banespa/Mastercard e Wizard/Suzano.

FOTOS: EDSON LAPOLLA



Nei, técnico do time tricolor (ao centro), na inauguração do clube juvenil de Shenzhen; e, de roupa cor-de-rosa, Duan Yun A, a presidente do São Paulo Liaoning

Para chinês ver

Como forma de impulsionar a imagem são-paulina no Oriente, diretoria monta equipe na China, onde faz amistosos e participa de eventos antes de começar a disputar o principal campeonato daquele país

Por Sergio Luci

Mais uma vez, o São Paulo demonstra o motivo pelo qual é apontado como um clube à frente no futebol brasileiro. Partindo do princípio de que propaganda é a alma do negócio, o Tricolor fechou uma parceria com a empresa canadense AKD International, que, além de estar presente na área esportiva chinesa, administrando o Liaoning China-Brasil Futebol, atua no ramo de reflorestamento e educação daquele país – possui escolas e uma universidade.

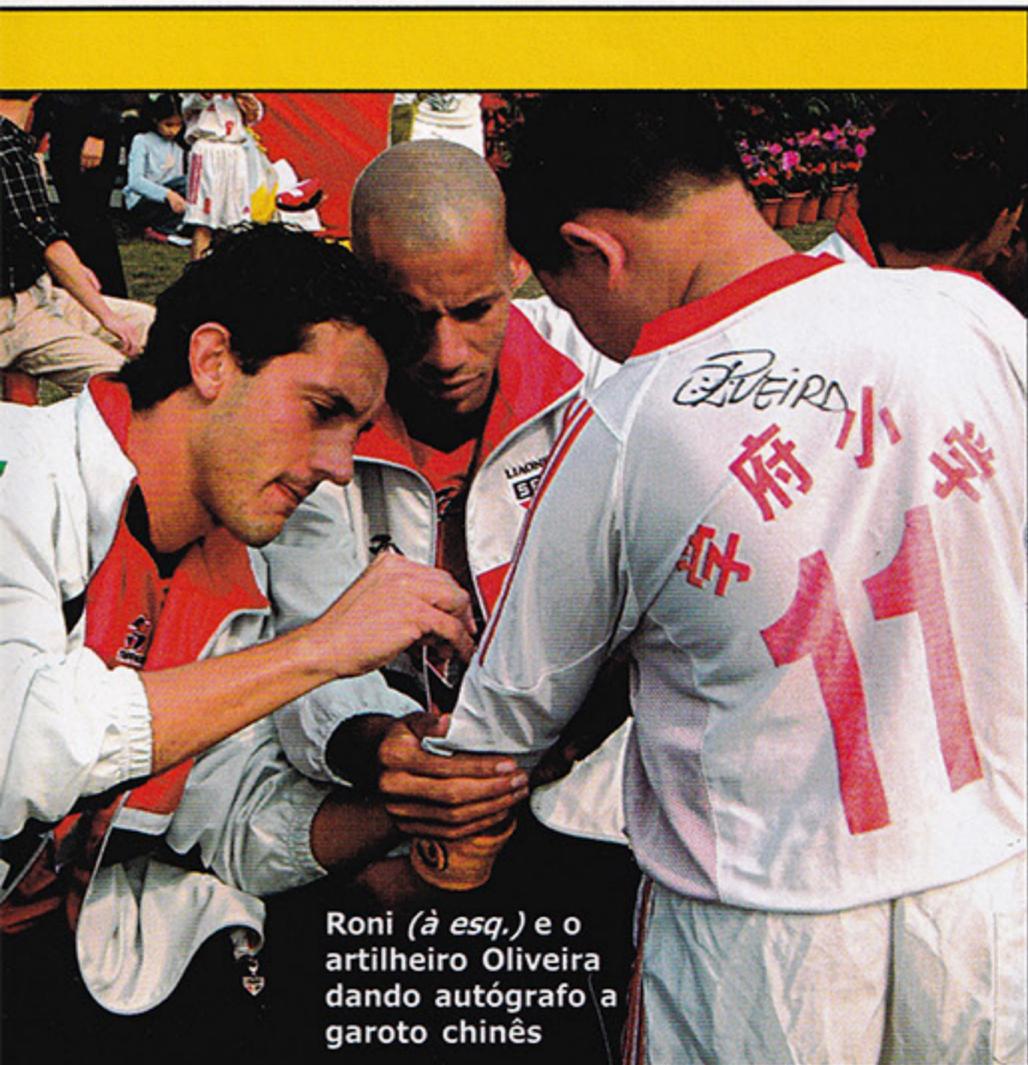
O acordo consiste em elevar a marca São Paulo Futebol Clube e dar visibilidade ao futebol brasileiro. Afora isso, exis-

te a possibilidade de a língua portuguesa falada no Brasil ser lecionada em algumas faculdades. A empresa canadense, em contrapartida, terá exclusividade no uso da marca e licenciamento de produtos. Inicialmente, a idéia do São Paulo Futebol Clube é montar dois times: uma equipe-exibição, que forneceria jogadores; e, em 2005, outra agremiação, mais jovem, que participaria da liga chinesa. Mas, como o regulamento não permite que um elenco seja formado apenas de estrangeiros, haveria uma mescla com atletas locais. Até porque, do contrário, por conta das notórias diferenças técnicas, a disputa ficaria muito desigual. Atualmente, 22 ga-

rotos brasileiros, comandados pelo técnico Nei, estão realizando amistosos e participando de eventos pelo país. Até o momento, foram disputadas 16 partidas, com 14 vitórias e dois empates. Em consequência dos inúmeros "bailes" tricolores, a liga chinesa prorrogou o prazo de inscrição aos estrangeiros até o dia 20 de julho. Outro ponto significativo que o São Paulo tentará mudar será o fato de o futebol nacional ser pouco explorado em terras ori-



Jornal esportivo chinês Tintan destacando o trabalho do São Paulo FC



Roni (à esq.) e o artilheiro Oliveira dando autógrafa a garoto chinês

e jogar

entais. Hoje, os chineses são assumidamente fãs da ginga brasileira. Entretanto, os únicos campeonatos televisivados são o inglês, o espanhol e agora o alemão. "Pela primeira vez, foi transmitido um jogo do São Paulo na China. Por coincidência, estava lá. E foi bom. O São Paulo derrotou a LDU pela Libertadores", afirmou Edson Francisco Lapolla, diretor-adjunto de futebol profissional e responsável pelo projeto - que, após 70 dias chefiando a delegação tricolor na Ásia, está de volta ao Brasil. Outro tópico do projeto são-paulino é inserir professores daqui nas escolas administradas pela AKD. Eles ensinariam futebol e usariam uniformes

com a grife do São Paulo. "Normalmente, eles têm escolas com campos. Temos um mercado incrível para explorar", avaliou Lapolla. "Se formos analisar, o São Paulo tem a chance de encampar um ambicioso projeto, gerando inúmeros negócios para o clube," completou. A exploração da marca são-paulina também ganhará força nas vendas de camisas. Será elaborada uma forte campanha para concretizá-las. "Temos que reerguer a imagem do clube. No início da década de 90, ficamos conhecidos pelo bicampeonato da Copa Toyota. Mas o tempo passou e permanecemos longe da mídia. A idéia é voltar com tudo e adquirir novos adeptos."

Edson Francisco Lapolla, diretor-adjunto de futebol do São Paulo, com Tao Xiping, vice-presidente mundial da Unesco e vice-presidente da Sociedade Chinesa de Educação

ARQUIVO PESSOAL



EPOPÉIA DO MORUMBI

"Quanto lhe deve o São Paulo, Laudo..."

Capítulo IV - Parte 3

Discurso proferido por Manuel Raymundo Paes de Almeida em 10/04/72

Mas, Laudo, por tudo isso, por todas as suas virtudes, de homem e de administrador, o São Paulo, por quem você tanto fez, acabou por perdê-lo. Já uma vez isso havia acontecido, quando você assumiu o Governo do Estado pela primeira vez. Voltou a acontecer tempos atrás, quando você voltou a ocupar o mais alto cargo administrativo do Estado, com os aplausos da grande maioria da população. Se já não tivéssemos tantos motivos de orgulho do nosso Presidente, esse foi mais um. Mas o que devemos dizer-lhe agora, Laudo? Um até breve? Adeus? Você sabe, e estou certo de que falo em nome de todos nós, que seu lugar no São Paulo é perpétuo, porque você é o Presidente Perpétuo do São Paulo Futebol Clube. Os anos não apagarão os passos da sua passagem pelo clube, nem o tempo fará esquecer seus feitos. Contudo, devemos reconhecer que, se é verdade que alimentaremos sempre a esperança da sua volta, também somos forçados a compreender que ela se tornará cada vez mais difícil, na medida em que o Estado e a Nação precisarem de você. O São Paulo é um grande clube, mas não é maior que o Estado. Nossos problemas são grandes, mas não maiores do que os do nosso povo e do nosso País. Alguma coisa nos diz, Laudo, que você alcançará vãos maiores, impulsionado por esse desejo de bem servir, que em você é nato. Alguma coisa nos diz que sua missão, como homem público, não terminará com seu mandato de governador deste Estado. Por isso, e ainda que a contragosto, o São Paulo Futebol Clube abriu mão do seu maior valor. Você já fez tanto pelo clube, já construiu tanto, que seria egoísmo nosso pretender segurá-lo. Mas também não vamos dizer adeus, porque sabemos que, esteja você onde estiver, e seja qual for a sua luta, seu pensamento e seu coração estarão conosco, vibrando, pulsando, torcendo para que não deixemos cair a bandeira que você conduziu com tanta galhardia. Ela não cairá, Laudo, porque os que aqui ficam têm um exemplo a seguir: o seu. E os que aqui ficam acham que a palavra melhor, para lhe dizer, é um **OBRIGADO**. E esse **OBRIGADO** vai na melhor forma que encontramos, para que seja perpétuo o nosso reconhecimento e o de todos os são-paulinos, como perpétua é a obra que você aqui deixou. Este Egrégio Conselho Deliberativo lhe outorga neste instante, amigo, companheiro e Presidente **LAUDO NATEL**, o título que ficará constando nos Estatutos, na reforma que será feita, de "**GRANDE PATRONO DO SÃO PAULO FC**". Neste momento queremos, ainda, registrar nosso agradecimento à sua companheira e esposa, Dona Maria Zilda Natel, cujo carinho e cuja compreensão nunca lhe faltaram nestes 20 anos de luta em prol do São Paulo. Uma placa de ouro, com a maquete do estádio gravada, e um distintivo de brilhante são os presentes que os seus companheiros do Conselho lhe entregam neste momento, em nome de todos os são-paulinos, por intermédio do Dr. Frederico Menzen, fundador do São Paulo Futebol Clube e nosso sócio número um. É o presidente benemérito entregando ao **GRANDE PATRONO DO SÃO PAULO FC** um mimo que, esperamos, eternizará em sua lembrança esta noite em que o São Paulo presta uma homenagem que, por mais que nos tenhamos esforçado, não terá, jamais, a grandeza do nosso homenageado. Laudo Natel, Deus que o acompanhe em toda a sua vida. **GRANDE PATRONO DO SÃO PAULO FC**, estas portas estarão sempre abertas, à sua espera. Nós nos orgulhamos de você, Laudo Natel.



Agnelo Di Lorenzo
Historiador do SPFC



Marcelo Portugal Gouvêa ao lado de seu vice, Marcelo Martines



Comemoração: Affonso Renato Meira (à esq.), Celso Magalhães e Marcelo Portugal Gouvêa se cumprimentam após resultado final



Marcelo Portugal Gouvêa discursa no Conselho Deliberativo após reeleição

é reeleito n

Marcelo Portugal

No último dia 30 de abril de 2004, o São Paulo conheceu o dirigente que irá comandar o clube nos próximos dois anos. Numa eleição tranquila, diferente dos dias que antecederam o pleito, Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa foi reeleito para um novo mandato à frente do Tricolor ao bater o candidato da oposição, José Carlos de Mello Dias, por 117 votos a 83. Os candidatos da chapa da situação que concorriam aos Conselhos Fiscal e Deliberativo também saíram vitoriosos das urnas. No Deliberativo, Affonso Renato Meira derrotou João Roberto

Seabra Malta por 116 votos a 84. No Fiscal, a situação venceu por 118 a 83. Em um colégio eleitoral de 232 votantes, 204 conselheiros estiveram presentes ao plenário.

CONFUSÃO

Se o dia da escolha do novo presidente do São Paulo foi de paz, o mesmo não ocorreu nas semanas que precederam a votação. Depois da vitória dos situacionistas na eleição realizada na área social do clube, em 3 de abril, quando a chapa liderada por Marcelo Portugal Gouvêa conquistou 48 cadeiras das 80 disponíveis e o can-

didato opositor Paulo Amaral Vasconcelos desistiu, o que se viu foi uma batalha jurídica com lances de lado a lado. O imbróglio teve início quando da mudança de data da eleição que, inicialmente, marcada para 19 de abril foi transferida para 30 do mesmo mês. Já com José Carlos de Mello Dias como candidato, a oposição conseguiu liminar, assinada pelo juiz Carlos Henrique Abraão, da 42ª Vara Cível de São Paulo, obrigando a realização da eleição no dia 19 com a determinação de que fizessem parte do pleito os 80 conselheiros eleitos da gestão 2002/2004 e

não os escolhidos no início de abril para o biênio 2004/2006. A confusão estava formada. O presidente do Conselho, Cláudio Aidar, foi notificado por volta das 16:30h da segunda-feira (19) de que a reunião para a escolha dos novos mandatários deveria acontecer naquele mesmo dia. Numa reunião tensa, que contou inclusive com a presença de um Oficial de Justiça e uma viatura da Polícia Militar, advogados buscavam uma solução. Enquanto isso, no auditório do Conselho, Aidar encerrava a sessão, frustrando a tentativa da oposição. Em 20 de abril, o juiz Carlos



o São Paulo Gouvêa

Henrique Abraão voltou a acatar a solicitação do grupo de Mello Dias, marcando uma nova data para a realização da eleição: 21 de abril, que acabou sendo alterada para três dias depois. No entanto, o corpo jurídico da situação trabalhou para cassar a liminar. E conseguiu. O desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Maurício Vidigal, aceitou o agravo de instrumento impetrado, confirmando o pleito para dia 30.

NOVO MANDATO

Marcelo Portugal Gouvêa não escondia a emoção ao ser

empossado pelo novo presidente do Conselho Deliberativo, Affonso Renato Meira. Em seu primeiro discurso como presidente reeleito, agradeceu a todos aqueles que estiveram a seu lado. Menção especial para Juvenal Juvêncio, o ex-presidente do Conselho Cláudio Aidar, sua esposa Rochelle e seus filhos. Gouvêa confirmou suas prioridades para o novo período que se inicia. Um time de futebol forte, a construção da nova sede social, parcerias vencedoras nos esportes amadores e a criação de novas fontes de renda para o clube.

Na voz de Paulo Planet



Tempo de recomeçar

Realizaram-se, afinal, as eleições e, como estava mais ou menos previsto, tendo em vista que o nosso companheiro e presidente Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa havia realizado, tanto no âmbito do futebol quanto na parte social, foi ele reeleito para um período de mais dois anos. Lamentavelmente, principalmente para o próprio São Paulo, inclusive em relação ao comportamento de alguns Conselheiros, o pleito, que poderia ser bem disputado porque faz parte do regime democrático a batalha eleitoral, a divergência das idéias não se conduziu na forma são-paulina, antes pelo contrário teve momentos perturbadores, nada condizentes com o clima que deveria ser de moderação, de debates sim, mas respeitosamente exercitado. Quem sabe, contudo - é o que pretendemos que ocorra -, concluído o pleito, tenhamos a possibilidade de vermos, assistirmos, o retorno ao ambiente da cordialidade, extinguindo-se a divisão que se observa até mesmo no Plenário, como se inimigos fossem os Conselheiros que se separaram, espero que não de forma definitiva, pois isso apenas prejudica o São Paulo. Após mais de 50 anos de Conselho e, portanto, 65 como sócio e torcedor, imagino ter o direito de fazer um generoso, caloroso e sincero apelo aos companheiros do nosso clube, diretores ou Conselheiros, que desarmemos os espíritos, deixemos os ódios e as divisões de lado, porque todos passamos, estamos apenas fazendo uma travessia com a concessão Divina, e permanecerá, para sempre, o São Paulo, desde que para isso colaboremos, pois não nos esqueçamos, um dia, por divergências desse mesmo tipo o São Paulo desapareceu para ser recriado por alguns poucos e notórios torcedores como somos, todos nós. Gente, por favor, pensemos mais no São Paulo e menos em nós mesmos...



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

No lugar mais alto

Marcela Matos Lopez, Marina Matos Lopez e Cibele Oliani, atletas da Aeróbica do São Paulo FC, brilharam no Suzuki World Cup, que ocorreu entre os dias 15 e 17 de abril em Tóquio, no Japão. As feras são-paulinas regressaram ao Brasil trazendo na bagagem títulos importantes, conquistados com garra e determinação em um dos eventos mais disputados da modalidade. Na categoria individual feminino, Marcela Matos esteve novamente no lugar mais alto do pódio. Dessa vez, como

tricampeã mundial. Além disso, a ginasta do Tricolor foi condecorada com o troféu de "Melhor Atleta" da competição. Outro feito inédito foi conseguido por Marcela, Marina e Cibele. O trio desbancou as equipes da Espanha e da Nova Zelândia, ficando com o título de bicampeão. O próximo compromisso será pela seleção brasileira no Campeonato Mundial da Federação Internacional de Ginástica (FIG), na primeira quinzena de junho, em Sofia, na Bulgária. **(Cynthia Gagliardi)**

Marcela Matos Lopez, Marina Lopez e Cibele Oliani (da esq. à dir.): brilho em Tóquio



Marcela Matos Lopez: tricampeã mundial

FOTOS DIVULGAÇÃO

PARA LER

Brasil em Copas do Mundo

Editora: Panorama Comunicações LTDA
Preço sugerido: 25 reais
278 páginas

Em *Brasil em Copas Do Mundo*, o radialista Barbosa Filho, velho conhecido da crônica esportiva, narra as experiências que teve em Copas. Seus relatos começam na do ano de 1950 e vêm até a de 2002, quando o selecionado sagrou-se pentacampeão. Além de comentários sobre as conquistas nacionais, Barbosa também trata das derrotas. O livro tem 278 páginas e o prefácio é assinado por Cristóvam Buarque, ex-ministro da Educação e ex-governador do Distrito Federal.



A História do Campeonato Paulista

Editora: Publifolha
Preço sugerido: 12,90 reais
208 páginas

O livro de Valmir Storti e André Fontenelle é uma retrospectiva jornalística sobre o Campeonato Paulista de 1902 até 1996. Os dados estatísticos incluem ranking completo de cada time nestes 95 anos de torneio, com total de pontos ganhos, jogos disputados, vitórias, empates, derrotas e média de gols pró e contra, além de resumo detalhado de cada certame, com classificação, regulamento, melhor jogador, artilheiros e bastidores das partidas. Entre as curiosidades, estão a história de um governador do Estado que marcou gol, o time que festejou com o adversário após ter perdido o título e até um tento que decidiu dois campeonatos. São 208 páginas, afora o encarte especial com a história dos Paulistas de 1997 e 1998. O prefácio foi escrito por Pelé.



A trajetória dos homens é traçada por Deus

No II encontro de ex-jogadores do São Paulo, em dezembro de 2003, no Centro de Treinamento da Barra Funda, tentei fazer um reencontro com o futebol que há muitos anos vem marcando minhas tardes de domingo. Busquei encontrar, aqui e ali, meus ídolos do passado. Tirei fotos com o Roberto Dias, o melhor quarto-zagueiro da sua geração; bati um papo prolongado com o Bauer, o "Monstro do Maracanã" na Copa de 50; conversei animadamente com o zagueiro Oscar, meu vizinho das redondezas de Monte Sião, também integrante da seleção brasileira; troquei idéias com Vignola, companheiro de todos os dias, o eterno reserva do Leopoldo, como ele mesmo costuma dizer; conversei animadamente com o Gilberto Sorriso, que fez questão de procurar o Paraná para uma foto; ouvi atentamente as histórias de Serginho Chulapa, Chicão e Valdir Perez. Quando pensava que a missão estivesse cumprida, dou de cara com o moço Djalma Santos.

Aquele crioulo forte, simpático, sorriso aberto e cativante, que imortalizou seu nome defendendo a seleção brasileira em 1958, quando fomos campeões do mundo

pela primeira vez. O curioso é que ele era reserva do lateral-direito De Sordi, o "Tourinho", que formou zaga são-paulina - De Sordi e Mauro. De Sordi era baixinho, mas tinha uma impulsão fora do comum. Vinha tendo excelentes atuações pela seleção brasileira, mas se contundiu e não pôde participar da finalíssima contra a Suécia. E quem acabou saindo na fotografia foi Djalma Santos, que entrou e não saiu mais. Aconteceu com ele o mesmo que aconteceu com Pelé e Dida, Garrincha e Joel, Zito e Dino Sani, Vavá e Mazzola. A presença de Djalma Santos ali naquela festa poderia até causar surpresa para muitas pessoas. Nem todos sabem que Djalma Santos vestiu, no auge de sua carreira, a gloriosa camisa do São Paulo Futebol Clube. Não pude conter o impulso. Pedi licença aos amigos que o rodeavam e fui cumprimentá-lo. Como o prato ser-

vido era "a hora da saudade", a conversa foi se estendendo, e o entusiasmo foi crescendo. Dizia-me o Djalma Santos da imensa alegria que estava sentindo pelo convite que havia recebido para participar daquele encontro. Uma festa para os seus olhos e para a sua alma. Nunca poderia imaginar que ainda fosse lembrado pelo clube por quem jogou apenas uma partida. Uma só, mas que marcou como marcaram os brilhantes mais raros da coroa de um Rei. Um acontecimento inesquecível: 09/10/1960. Era a segunda partida inaugural do Estádio do Morumbi, ainda inacabado, mas liberado para jogos oficiais. O São Paulo FC havia convidado para esse jogo o Nacional do Uruguai. Para abrilhantar o espetáculo, dando um cunho ecumênico àquela festa, solicitou de seus co-irmãos, alguns jogadores emprestados. O Palmeiras cedeu Julinho; O Corinthians nos mandou o Almir Pernambuquinho, e a Portuguesa cedeu o Djalma

Santos, a muralha negra. Lá pelas tantas, já com 1 a 1 no placar, o Djalma estendeu um lançamento comprido em direção do Almir. Este deu um corte num adversário, fez um gesto com a mão direita mostrando ao Canhoto, e lançou a bola entre os dois beques uruguaios...Foi uma pena. O lance mais bonito do jogo...e a bola passa como um bólido, bem rente ao poste direito do goleiro. Seria um gol de placa. Ganhamos o jogo por 3 a 1. Djalma Santos lembra-se disso emocionado. Foi aquela a única vez que havia vestido a camisa tricolor. E, só por haver participado daquela partida, estava ele ali agora, revendo seus ex-companheiros de profissão, contemporâneos de jornadas gloriosas, inclusive aquela, em que, pelas mãos do destino, na Suécia, teve a glória de sair na fotografia e ser aplaudido pelo Brasil inteiro, durante mais de vinte anos. Paciência, meu amigo De Sordi. Deus quis que fosse assim.



De Sordi (acima) e Djalma Santos com a camisa tricolor



Guaracy Souza Sampaio sócio nº 193 do SPFC





São Paulo Futebol Center

A maior escola de craques do Brasil

0800 120812 | www.saopaulofc.net

Lew Lara


TOPPER
FUTEBOL É COISA SÉRIA

TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ